

UniAGES
Centro Universitário
Licenciatura em História

JORGE SOUZA AMÂNCIO

**CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA**

Paripiranga
2021

JORGE SOUZA AMÂNCIO

**CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada no curso de graduação do Centro
Universitário AGES como um dos pré-requisitos para obtenção
do título de licenciado em História.

Orientador: Prof.^a Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa.

PARIPIRANGA
2021

AMÂNCIO, Jorge Souza, 1995
CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA / Jorge Souza Amâncio. –
Paripiranga, 2021.
64 f.

Orientadora: Prof.^a Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
UniAGES, Paripiranga, 2021.

1. Breve Percurso Histórico do Cinema. 2. História do Cinema Brasileiro. 3. Cinema na Escola. 4. Cinema como Instrumento Pedagógico. 5. O uso do Cinema no Ensino de História I. Cinema como Recurso Didático no Ensino-Aprendizagem de História. II. UniAGES.

JORGE SOUZA AMÂNCIO

**CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de licenciada em História,
à Comissão Julgadora designada pela Coordenação
de Trabalhos de Conclusão de Curso do UniAGES.

Paripiranga, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa.
UniAGES



Prof. Mayara Silva Nascimento
UniAGES

À Deus, primeiramente por ter me dado sabedoria em todos os momentos e iluminado meus caminhos.

Aos meus pais e minhas irmãs que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me guiado nesse caminho que escolhi percorrer, por ter me dado força e saúde para enfrentar todos os obstáculos encontrados durante a graduação.

À minha mãe Luzia Batista de Souza, a meu pai Elson Lopes Amâncio, as minhas amadas irmãs Kátia Souza Amâncio, Maria Érica Souza Amâncio, Antônia Tamires Souza Amâncio e Katiane Souza Amâncio que sempre estiveram ao meu lado em todas as situações, em inúmeras dificuldades encontradas durante a minha trajetória acadêmica me apoiando e contribuindo para meu progresso.

Em especial a minha irmã Antônia Tamires que esteve comigo desde o primeiro dia de aula na faculdade, me dando forças a cada semestre para continuar em busca do meu grande sonho, na qual compartilhamos momentos incríveis juntos durante a graduação, ajudou as idas no ônibus serem menos cansativa, sempre contribuindo com alguma palavra e nunca soltando a minha mão.

Aos meus amigos em especial Caio que sempre que precisei me acolheu em sua casa durante toda a graduação e esteve comigo em todos os momentos, e também em especial a José Vitor que não me deixou desistir em nenhum momento e na reta final foi meu parceiro de me acompanhar até tarde na construção do meu trabalho monográfico. Ademais, a Sabrina, Emission, Wilson, Fábio, Íguina e Emília.

À orientadora professora Josefa Risomar, pelas orientações e dedicação que me auxiliou na construção desta pesquisa monográfica.

A todos os professores em especial Rafael Santa Rosa, Mariana Emanuelle, Mayara Nascimento que contribuíram de uma forma especial na construção do meu conhecimento e por não ter medido esforços em me encorajar nos momentos em que precisei.

Aos meus colegas de curso Antônio José, Pedro Américo e Mayra Alice que em algum momento me ajudaram por ter proporcionado momentos mais leves durante as aulas.

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.

Rosália Duarte

RESUMO

A presente pesquisa aborda o cinema como ferramenta didática para contribuir no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de História, possibilitando a construção de conhecimentos de forma inovadora e motivacional tanto para o(a) educador(a) quanto para o(a) estudante. Nesta direção, o cinema vem a contribuir por meio de imagens no desenvolvimento significativo do conhecimento, fazendo uma relação das cenas com o conteúdo trabalhado. A priori, o trabalho dá início ao contexto histórico por sua invenção, em seguida, a chegada do cinema no Brasil e como foi se tornando uma ferramenta pedagógica nas escolas, sendo utilizado nas aulas de História, em que teóricos corroboram nessa linha de pensamento. Propõe-se, enquanto objetivo geral: compreender os conhecimentos teóricos e técnicos para o uso do cinema em sala de aula, trazendo para a realidade do discente e buscando melhorar a qualidade de ensino. Para tanto, a ideia foi desenvolvida a partir do alcance de objetivos específicos, tais como: discutir a possibilidade do uso do cinema como ferramenta pedagógica e não somente de entretenimento; explicar como possibilitar o debate e a reflexão por meio de filmes apresentados na sala de aula; por fim, analisar como os filmes difundidos pela indústria cinematográfica podem ser utilizados como recursos didáticos para o ensino de História, a fim da melhor assimilação de conteúdos por parte dos(as) alunos(as) despertando o interesse pelo tema tratado. Nesta vertente, foi feita análise de dois filmes: *O menino do pijama listrado* e *Guerra de Canudos*, que trazem cenas das quais o docente pode utilizar fazendo uma assimilação com o conteúdo, saindo das aulas meramente expositiva, em que o foco era somente o livro didático.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Educação, Recurso didático, História.

ABSTRACT

This research approaches the cinema as a tool teaching to contribute in the teaching- learning process in the History classes, making possible the building of knowledge as a innovative and motivational way, for both the educator and the student. This way, the cinema contributes by means of images in the significant development of the knowledge. Making a relationship between the scenes and the content worked on. At first, this work starts with the historic context by your invention, after that the arrival of cinema in Brazil and how was turning a pedagogic tool in the schools, and have been used in the History classes, which theorists corroborate this line of thought. It is proposed, as a general objective: to understand the theoretical and technical knowledge for the use of cinema in the classroom, bringing it to the student's reality and seeking to improve the quality of teaching. Therefore, the idea was developed from the reaches of specific objectives, such as: discussing the possibility of using cinema as a pedagogical tool and not just as an entertainment; Explain how to enable debate and reflection through films presented in the classroom; Finally, to analyze how the films broadcast by the film industry can be used as a didactic resource for the teaching of History, in order to better assimilate the content by the students, arousing the interest about the topic discussed. In this aspect, an analysis was made of two films that were “The boy in the striped Pyjamas” and “Guerra de Canudos”, that brings scenes which the teacher can use making an assimilation with the content, getting off from the merely expository classes, which the focus it was only the textbook.

KEYWORDS: Cinema, Education, Teaching resource, History.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político-Pedagógico

LISTA DE FIGURAS

1 Antônio Conselheiro e seus fiéis	40
2 Os peregrinos andando pelo sertão	40
3 Local de construção do povoado de Canudos	42
4 Povoado de Canudos ganhando forma	43
5 A guarda de Canudo invadido a madeireira	44
6 Primeiro combate entre os peregrinos e a tropa republicana	45
7 As tropas republicanas no segundo ataque	46
8 Destruição da igreja de Canudos	47
9 Antônio Conselheiro encontrado morto	47
10 Os fiéis se rendendo as tropas republicanas	47
11 Cidade de Canudos em chamas sendo destruída	48
12 O protagonista Bruno saindo da escola	50
13 Campo de concentração visto do quarto de Bruno	51
14 Bruno e Gretel aprendendo sobre os costumes nazistas	53
15 Gretel pregando pôster de soldados nazistas em seu quarto	54
16 Bruno observando os soldados assistindo a propaganda nazista	55
17 Os soldados assistindo a propaganda nazista	56
18 A propaganda nazista	56

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 MARCO TEÓRICO	16
2.1 Breve Percurso Histórico do Cinema	16
2.1.1 História do cinema brasileiro	20
2.2 O Cinema na Escola	22
2.2.1 O cinema como instrumento pedagógico	24
2.3 O uso do Cinema no Ensino de História	28
3 MARCO METODOLÓGICO	32
3.1. Método	32
3.2 Tipo de Estudo	33
3.3 Levantamento de informações	34
3.4 Análise do filme	35
4 MARCO ANALÍTICO	36
4.1 Cinema como Ferramenta Pedagógica	36
4.2 Breve análise sobre o filme Guerra de Canudos	38
4.2.1 CENA 1 - Regime da República: alta cobrança de impostos	39
4.2.2 CENA 2 - A construção de canudos	41
4.2.3 CENA 3 - Conflitos e a destruição de Canudos	44
4.3 Breve análise sobre o filme “O menino do pijama listrado”	48
4.3.1 CENA 1 - A doutrina nazista	49
4.3.2 CENA 2 - O sistema educacional, racismo e o antissemitismo	52
4.3.3 CENA 3 - Cinema de Propaganda	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O cinema contribui no modo de representar a realidade através de imagens, em que o professor faz uso do recurso cinematográfico saindo do modelo de aula meramente expositiva em que, na maioria das vezes, somente o livro didático é utilizado como ferramenta. Além disso, o processo de ensino-aprendizagem atrelado à utilização de produções fílmicas estabelece um diálogo desencadeado pelas novas abordagens do docente, fazendo uma relação iconográfica ao conteúdo abordado.

Nesta perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixa claro a necessidade de formar competências e habilidades que ultrapassem a vertente de ordem cognitiva. Do mesmo modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), desde 1996, prega que a reprodução de filmes faça parte das atividades escolares. Desta forma, no que se refere ao componente curricular de História, entendemos que o texto fílmico possibilitará uma aprendizagem significativa, uma vez que este recurso ajuda a estabelecer relações entre acontecimentos do passado com o presente, desenvolvendo uma visão crítica dos fatos.

Nesse contexto, torna-se necessário pensar em novas metodologias para o ensino de História em que o cinema esteja inserido. No entanto, fazer uso dessa ferramenta didática vai além de pensar apenas na utilização do cinema, pois as aulas acontecem dentro do ambiente escolar, existindo algumas relações estabelecidas entre professor-aluno e o próprio currículo. Neste sentido, o docente deve saber manusear as “novas” tecnologias, trabalhando a produção cinematográfica de maneira coerente, em que faça uma relação com o objeto de conhecimento.

Vale mencionar que nem sempre essa prática se efetiva, pois a prevalência da aula meramente expositiva ainda ganha maior destaque nas propostas pedagógicas. Essa preferência, muitas vezes, está atrelada às condições de trabalho, aos recursos disponíveis para execução do filme, ou mesmo ao despreparo em utilizar esse recurso didático. Além do mais, a falta de formação continuada pode levar o docente a uma estagnação, fazendo-o(a) não inovar em suas aulas e não aceitar outros recursos didáticos além do livro.

Esta pesquisa tem como foco principal abordar como o cinema pode contribuir auxiliando na compreensão do componente curricular de História e ser um suporte na formação do pensamento crítico, contribuindo no desenvolvimento da educação, desapegando da memorização e passando a possibilitar problematizações e reflexões.

Dessa maneira, o professor pode fazer questionamentos para os alunos, problematizando e propondo meios de como desenvolver sua aprendizagem em História, pois nenhuma ferramenta pode ser considerada como única a solucionar a questão, bem como não depender somente dela para desenvolver suas aulas. Nesse prisma, é preciso que o professor inove em sua abordagem como docente, tornando-se mais crítico e reflexivo. Vale mencionar, que muitos docentes negam a complexidade que existe no ensino de História e na educação de um modo geral.

Perante o exposto, surgiu o objetivo geral desta pesquisa: compreender os conhecimentos teóricos e técnicos para o uso do cinema em sala de aula, trazendo para a realidade do(a) discente e buscando melhorar a qualidade de ensino.

Para tal alcance, foram construídos alguns objetivos específicos que colaboram para a realização desta proposta na prática docente: discutir a possibilidade do uso do cinema como ferramenta pedagógica e não somente de entretenimento; desenvolver habilidades para debates e reflexões por meio de filmes apresentados na sala de aula; analisar como os filmes difundidos pela indústria cinematográfica podem ser utilizados como recursos didáticos para o ensino de História nas salas de aula, a fim da assimilação de conteúdos por parte dos alunos despertando o interesse pelo tema tratado.

Do mesmo modo, a presente monografia intitulada: *O cinema como recurso didático no ensino-aprendizagem de História*, estruturou-se em três partes. São elas: Introdução, onde as fases da pesquisa são discutidas, compondo também os problemas e os objetivos; Desenvolvimento, esta é a parte mais extensa, pois é o corpo do trabalho e está dividido em três capítulos: Marco Teórico; Marco Metodológico e Marco Analítico. Finalizando com a terceira parte: Considerações Finais, que é o fechamento da ideia que foi discutida no decorrer do trabalho.

Nesta perspectiva, o marco teórico apresenta, como o próprio nome anuncia, a base teórica com os respectivos autores que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse foi tecido, mesmo que de forma breve, os caminhos do cinema na história, contendo alguns tópicos que são: Breve percurso histórico do cinema, em que narra os trajetos da história no cinema; História do cinema brasileiro, abordando a chegada do cinema no Brasil e seu desenvolvimento; O cinema na escola, que mostra como o cinema chegou na escola e passou a ser utilizado como recurso didático; O cinema como instrumento pedagógico, em que discute o cinema como instrumento pedagógico sendo utilizado nas aulas e não somente como entretenimento; O uso do cinema no ensino de História, neste abordamos o cinema como

recurso didático nas aulas de História, entendendo a necessidade do professor passar a utilizar o cinema em suas aulas atrelado ao uso não extensivo e somente do livro didático.

Em relação à construção do marco metodológico, discute-se a possibilidade em entender o trabalho e as estratégias que motivaram o estudo do tema abordado, em que o cinema possa contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, tendo como tipo de estudo de pesquisa dialética partindo de aspectos do contexto educacional. Ademais, em relação à abordagem deste trabalho, configura-se como qualitativa com estudo de cunho bibliográfico buscando discutir o cinema como ferramenta pedagógica através de diversas visões de alguns autores que discutem sobre cinema na educação.

O marco analítico traz uma breve análise de dois filmes: *O menino do pijama listrado* e *Guerra de Canudos*. As análises narram contextos em que o docente pode fazer uma problematização e levantar alguns pontos para debates de acordo com os filmes. Dessa forma, o cinema torna-se uma ferramenta pedagógica eficiente para utilização didática nas salas de aula.

Portanto, levar o cinema para a sala de aula contribui na criação, no desenvolvimento e na construção do pensamento crítico do discente com base na relação que é feita entre o filme e o conteúdo (objeto de conhecimento), contribuindo também na prática de ensino do docente. Desse modo, a utilização do filme favorece ao educando perceber os valores morais, atitudinais e humanos, tendo consciência social, e possibilitando ao professor uma melhor aproximação com seus alunos, além de trabalhar diversas habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sendo assim, acreditamos que este estudo ganha significado tornando-se necessário repensar o ambiente escolar com as novas linguagens da sociedade contemporânea, em que o cinema surge como uma ferramenta pedagógica que auxilia no processo de ensino-aprendizagem.

2 MARCO TEÓRICO

Pensar sobre o que o cinema comunica possibilita entendê-lo enquanto linguagem com multipotencialidade. O cinema é um dos recursos mais fascinantes desenvolvido pelo ser humano para se comunicar. A comunicação possibilitada pela linguagem do cinema é subliminar, haja vista que diferente do rádio e da televisão ela permite várias interpretações, dependendo da maneira como os elementos visuais e auditivos são estruturados. Neste sentido, a representação que se tem do cinema, abordada por Araújo (1995), é que um filme é uma história contada em imagens. Porém, vale mencionar que um filme vai além da apresentação de uma simples história. Assim, o cinema é entretenimento e arte que expressa ideologias, estéticas e ao mesmo tempo diverte, fascina, comove e provoca reflexão, entre estas, destacamos aqui os fatos históricos.

Entretanto, de acordo com Almeida (2017), a discussão acerca do cinema no mundo contemporâneo e suas relações com outras áreas de conhecimento é feita muitas vezes de forma fragmentada. Tal ideia é evidenciada a partir da análise individual dos filmes, sem acrescentar as diferentes obras em conjuntos maiores que sirvam de objeto para uma análise mais consistente.

Nesta direção, o presente capítulo pretende dialogar com algumas bases teóricas que se debruçaram por muitos anos em estudos voltados para o cinema, incluindo a perspectiva de ordem didática na tentativa de explorar de forma um pouco mais aprofundada as relações do cinema com a área da história – no caso, documentários voltados para fatos históricos.

2.1 Breve Percorso Histórico do Cinema

Conforme já mencionado, o cinema se comunica por meio de diferentes linguagens, mas como tudo isso começou? Segundo Rodrigues (2005, *apud* VAZ, BRAZZI e SILGUEIRO JUNIOR, 2017, p. 10) foi em 28 de dezembro de 1895, em Paris, que ocorreu a primeira exibição pública e comercial do cinema, com os irmãos Auguste e Louis Lumière fizeram no “*Grand Café*”.

[...] Uma série de 10 filmes, com duração de 40 a 50 minutos cada, já que os rolos de película tinham 15 metros de comprimento. Os filmes até hoje mais conhecidos desta

primeira sessão chamava-se “A saída dos operários da Fábrica Lumière” e “A chegada do trem à Estação Ciotat”, cujos títulos exprimem bem o conteúdo.

Corroborando com esta informação, Lagny (2009) afirma que o cinema, independente das controvérsias, se espalhou rapidamente atraindo o público das cidades em ritmo crescente. As pessoas estavam impressionadas com as imagens em movimento se interessando em vivenciar novas experiências corpóreas e sensoriais.

Vale acrescentar que este invento ficou conhecido como “cinema dos primeiros tempos” ou “primeiro cinema”. O mesmo foi comercializado e produzido no final do século XIX e na primeira década do século XX. Os filmes, durante o período compreendido entre 1894 a 1903, tinham duração reduzida, entre 10 a 15 minutos. Além de serem constituídos, em sua maioria, por um único plano¹ com a duração de um ou dois minutos Rodrigues (2005, *apud* VAZ, BRAZZI e SILGUEIRO JUNIOR, 2017, p. 10).

Os filmes em questão não tinham preocupação em contar histórias, sempre procuravam mostrar algo, dado que o interesse estava nas próprias imagens. Como por exemplo: a vista de um barco; a queda de um muro; as ondas se chocando contra uma passarela à beira mar; um panorama de uma cidade; acidentes; lutas de boxe; danças pensadas como “atrações”. De acordo com Morettin (2009), os primeiros cinemas estavam inseridos em uma atividade quase circense e artesanal, sendo um dos números desfrutados pela audiência.

Nesta direção, o cinema interessado em atrair as classes médias a partir das adaptações de peças, romances e poemas, de um certo gosto burguês do período (o requinte, a elegância e cortesia), foi se tornando cada vez mais narrativo, uma sequência de situações ligadas entre si de maneira direta e clara, era pautada por histórias que essa narratividade marcava.

A partir de 1908, os filmes passaram a ter duração maior do que 10 a 15 minutos e características como são empregadas hoje. Todavia, nessa época não existia noção de filmagens autorais, o público não sabia, por exemplo, quem eram os responsáveis pela realização de uma obra e nem os nomes da equipe técnica. Porém, em virtude do empenho dos produtores em ampliar seus lucros e de uma maior demanda do público, a partir de 1911, a duração dos filmes foi expandida, chegando a 30 minutos.

Em 1914 as salas de exibição tornam-se luxuosas, distanciando-se dos antigos “empoeirados”. Verdadeiros palácios, esses lugares eram suntuosos, ricamente

¹ De acordo com Bernardet (1980) Plano, em cinema, é um trecho de filme rodado ininterruptamente, ou que parece ter sido rodado sem interrupção. Bem como Aumont (1995) corrobora com a ideia que um plano no cinema é, portanto, um conjunto ordenado de fotogramas ou imagens fixas, limitado espacialmente por um enquadramento (que pode ser fixo ou móvel) e temporalmente por uma duração.

ornamentados e mobiliados de maneira especial, destinados a milhares de consumidores. Assim, retirando a suntuosidade, esse espaço se consolida dentro de um tipo de experiência já bem próxima da atual. Nesse quadro, enfim, o cinema se torna um entretenimento de massa (MORETTIN, 2009, p. 52).

Ademais, as primeiras imagens cinematográficas filmadas no Brasil², são de advogados, bicheiros, médicos e empresários. Assim, como diferentes cinematografias produzidas em contexto econômico menos desenvolvido, o cinema brasileiro enfrentava dificuldades financeiras. Além disso, nesse mesmo período foi solicitado a patente de um invento denominado “fotografias vivas”, em 27 de novembro de 1897, correspondendo a um pouco mais de um segundo de projeção com 24 fotogramas no total, como modo de alavancar as projeções brasileiras. A produção brasileira era constituída em sua maior parte por documentários e reportagens cinematográficas, até o final dos anos 20, retratando a elite econômica e política ou as belezas naturais, correspondendo, então, a uma participação mais significativa em caráter ficcional ao mercado exibidor de filmes no período que compreende os anos de 1908 e 1911.

Além do mais, o cinema passou por modificações e desenvolvimento tecnológico, ganhando novas funcionalidades. Destacamos que em meados da década de 20 foi incrementado áudio a produção cinematográfica, como salienta Morettin (2009, p. 58 -59):

No final dos anos 1920, mais precisamente em 1927, o som chegou ao cinema, ou melhor, houve pela primeira vez sincronia entre imagem e som, incluindo aí vozes, barulhos e também música. Trata-se de *O Cantor de Jazz*, de Alan Crosland, filme americano que representou um marco na história do cinema. Depois de alguns anos de desconfiança e hesitação, o cinema sonoro se instituiu. Com ele, a indústria americana de cinema também se consolidou, dado que a inovação técnica foi por ela realizada e por ela expandida pelo mundo. Os estúdios se enriqueceram e assistimos, a partir da década de 1930, ao fortalecimento dessa indústria cultural que então dialoga com seu público através de uma grande quantidade de gêneros, pensados e estruturados a partir dessa comunicação, a ponto de algumas produtoras se especializarem em determinados tipos de filmes, como foi o caso dos filmes de gangster pela produtora Warner. Além desse, temos o filme de terror, o melodrama, o western (faroeste), o suspense, a comédia, o musical, entre outros.

Com isso, a produção de filmes foi ganhando espaço nos meios de comunicação, desenvolvendo outros gêneros como: comédia; suspense; terror; produção musical; entre outros. Nesse sentido, o cinema começa a ganhar o mundo, uma vez que a sua evolução permitiu que um público maior fosse atingido pelo fascinante mundo do cinema, em que as novas

² O cinema teve seu pontapé inicial no Brasil em 1896, quando foram exibidos no Rio de Janeiro uma série de filmes curtos retratando o cotidiano nas cidades europeias (SIMIS, 2008).

produções passaram a sair do mundo realista para o ficcional e imaginário dos cidadãos, atraindo cada vez mais pessoas e ganhando novos continentes.

Nesse contexto, vários movimentos de cineastas começaram a surgir em prol da inovação cinematográfica. Esses movimentos começaram em vários países, a exemplo da França, Estados Unidos e Itália. Tal fato se deve ao envolvimento de um grupo de jovens que foram muito importantes para esse desenvolvimento, como exemplifica Morettin:

Afora esse dado, alguns dos cineastas considerados pertencentes ao movimento, tais como Paulo César Saraceni, Leon Hirszman, Carlos Diegues, David Neves, Joaquim Pedro de Andrade e Glauber Rocha, já haviam realizado seus primeiros trabalhos no final dos anos 1950. Todos tinham uma trajetória comum à percebida na Nouvelle Vague: membros de uma jovem geração ligada à crítica, ao movimento estudantil e ao cineclubismo (MORETTIN, 2009, p.64).

Sendo assim, esse grupo de pessoas fez parte da revolução na história do novo cinema. Estas pessoas eram ligadas à crítica social e buscavam, mesmo com poucos recursos, novas ideias para o desenvolvimento das filmagens. Esse movimento estava interligado a vários outros movimentos em outros países. Isso fez com que o cinema ganhasse uma nova roupagem e novos adeptos pelo mundo. Além do mais, essa corrente no século XX fez com que o cinema passasse a ser também uma ferramenta de transformação da história, uma vez que esta onda passou a gerar modificações nas ações e pensamentos das mais diversas sociedades, como explana Nóvoa:

Quando o historiador passou a observar o filme, para além de fonte de prazer estético e de divertimento, rapidamente ele o percebeu como agente transformador da história e como registro histórico. Neste momento, tornou-se inevitável a cunhagem do binômio cinema-história. Esta busca traduzir a importância que a relação cinema-história adquiriu ao longo do século XX, mas é muito breve para dar conta dos problemas teóricos e epistemológicos que a relação impõe. É possível afirmar que, desde que a história foi fundada por Heródoto e Cia., nunca nenhum elemento ou agente histórico foi tão importante a ponto de ter a sua designação associada à palavra história. Nenhum documento se impôs tanto, de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme (NÓVOA, 1995, p. 01).

Assim, o cinema começa a povoar o imaginário da população mundial, passando a se tornar um dos grandes meios de entretenimento e comunicação global. Além do mais, passou a ser utilizado como instrumento de transformação social, cultural e educacional, ganhando cada vez mais meios de utilização perante a sociedade. Nesse contexto, com a difusão da cinematografia por todos os cantos geográficos, vários países começaram a desenvolver maiores interesses por esse meio de comunicação, entre esses está o Brasil, ganhando, assim, um papel importante na luta pelas transformações sociais.

2.1.1 História do cinema brasileiro

No período compreendido como pós-Primeira Guerra Mundial, as produções cinematográficas brasileiras começaram a ganhar maior atenção. Nessa mesma época, os entusiastas pelo cinema se atentaram a buscar maiores entendimentos sobre os vários tipos de cinema, na intenção de agregar maior desenvolvimento para esse entretenimento no país, bem como houve a preocupação de elaborar uma história para o cinema brasileiro. Nesse contexto, o cinema seria atrativo para a elite do país, aterrorizados pelos problemas da guerra, buscavam modos de distração. Sendo assim, o cinema brasileiro acaba por difundir um fenômeno de democratização e atração para essas pessoas, porém, suas produções ainda continham um grande teor ideológico (SCHVARZMAN, 2016).

Além do mais, foi internamente sublinhada pela ascensão de João Goulart ao poder. A ascensão das esquerdas em termos internacionais não dialogava diretamente com a eclosão do Cinema Novo, pois, tal fato não definiu a realização dos filmes iniciais do movimento a um contexto favorável à obtenção de recursos financeiros, bem como não se somou aos seus fundadores, que apesar de terem tido personagens cruciais do mundo financeiro e cultural do país com relações privilegiadas, não somaram ao desenvolvimento do cinema novo.

O golpe militar de 64 ocasionaria um importante "inflexão por ruptura" do processo cultural brasileiro, interrompendo sua enorme vitalidade conjuntural através das armas da repressão policial pura e simples e da censura das obras. No entanto, naqueles anos que endurecem com a promulgação do Ato Institucional nº5 em 68, a força jovem e democratizante do momento anterior produzia o importantíssimo fenômeno da construção de uma "cultura de oposição" no país, com a qual identificavam-se importantes segmentos da sociedade, hegemônica nos cadernos de cultura dos jornais e na nascente "imprensa nanica" associada 73 à manutenção de uma produção artística onde os conteúdos de esquerda dialetizam com visões contra culturais na sua avaliação do novo momento, e onde se mantinha como pedra angular o Cinema Novo, com seus filmes que imediatamente tematizam o golpe e fechamento político, o episódico fim das utopias sob o governo militar (MOURA, 2003, p. 05).

Foi desde 1979 que Jean Claude Bernardet começou a refletir sobre as questões do cinema brasileiro. Dentro de suas possibilidades surgiu a história do cinema brasileiro. As histórias do cinema americano e europeu haviam empregado as formas consagradas, construindo um cunho evolucionista para uma história factual, comparando ao desenvolvimento biológico ao desenvolvimento do cinema.

O cinema buscava objetos que agregassem e atraísse somente as classes médias e as elites letradas. Esses objetos eram filmes e peças teatrais denominadas como "cine arte". De acordo com Schvarzman (2016), no caráter artístico do cinema, a visão centrada da ideologia

utilizada na época norteou por muito tempo a própria história do cinema brasileiro e sua valoração, não sendo diferente nas outras historiografias espalhadas ao redor do mundo.

Além disso, esse cenário se altera minimamente até o fim da guerra durante os anos 1940, sem embargo do surgimento do clube de cinema de São Paulo, abortado por questões políticas com Emílio Salles Gomes que voltará após a redemocratização. Dar-se início ao “cine clubismo”, a partir de 1956, e as primeiras iniciativas do que virá a ser a Cinemateca Brasileira. É o período de uma nova apropriação política do cinema e do surgimento de cineclubes, visto que surgiram muitos cineclubes ligados ao partido comunista e à Igreja Católica, no setor de cinema do Museu de Arte Moderna sendo o momento do pleno desenvolvimento, o que redundou, sobretudo, na constituição de um acervo incipiente. Portanto, o que faz com que o cinema brasileiro passe a existir de fato são as filmografias, cinematecas e bibliografias (FERRO, 1992).

Porém, aqui no Brasil, já no final dos anos 50, aqueles que possuíam interesse pela arte cinematográfica assistiam somente a raras retrospectivas do cinema francês, americano, soviético e italiano, sendo organizadas por cinematecas cariocas e paulistas. É sabido que só teriam acesso a este recurso de entretenimento aquelas pessoas ditas economicamente mais privilegiadas, como a elite. É interessante ressaltar que algumas dessas pessoas foram responsáveis pelo desenvolvimento de novas linguagens do cinema, fazendo com que, posteriormente, novas classes artísticas cinematográficas se profissionalizassem (SCHVARZMAN, 2016).

Como mencionado anteriormente, o chamado Cinema Novo possuía um cunho ideológico muito forte ligado à elite brasileira. Com a chegada de novos cineastas, a cinematografia do país passou a ganhar novas vertentes com cunho a sociologia, onde as filmagens, que antes preocupavam-se em mostrar o cotidiano da cidade, passou, nesse momento, a mostrar os problemas sociais e o sistema vigente da época (BERNADET, 2003).

Contudo, a partir desse momento o cinema ganha maior visibilidade social, fazendo com que ele não se tornasse somente um meio de entretenimento, mas também um recurso didático com um fito educativo, uma vez que as produções cinematográficas começavam a se destacar e, conseqüentemente, atrair mais espectadores. Com isso, pesquisadores da educação começaram a estudar melhor o cinema e sua aplicabilidade no âmbito escolar/educacional.

Roquete Pinto, em 1936, já anunciava uma função pedagógica para os meios de comunicação de massa, mas não poderia supor que, mesmo depois da universalização da escola, eles ocupariam um papel central na vida de todos, e não só daqueles que não têm escola. Na contemporaneidade, a mídia exerce sobre a população uma vigorosa ação pedagógica. Se considerarmos os mais de cem anos da existência do

cinema, vamos observar diferentes movimentos com grande ou escassa produtividade, além de muitas invenções para melhorar os processos de produção, filmagem, apresentação e distribuição dos filmes (FABRIS, 2008, p. 02).

Em suma, diante de todos os movimentos que existiram em prol do cinema brasileiro, o mesmo conseguiu se desenvolver e se espalhar pelo Brasil, onde começou a ganhar novas vertentes e apoiadores, sendo utilizado como um dos principais meios de comunicação do país, passando não ser somente entretenimento para a elite, mas para o público em geral.

2. 2 O Cinema na Escola

Para discutirmos o projeto “Cinema na Escola”, leva-se em consideração que a realização cinematográfica é por essência artesanal e quando aplicada no cotidiano escolar tem força suficiente para transformar socialmente o indivíduo. As transformações estão ligadas principalmente em sua maneira de pensar e de agir, porque oferece a oportunidade para comunicar e expressar os sentimentos através de mostras de filmes e do fazer cinematográfico: integrando; informando; educando; divertindo; gerando conhecimento e envolvendo professores, alunos e a comunidade escolar num trabalho coletivo e segmentado na Arte-educação. Tudo isso acontece de maneira bastante criativa, promove, inclusive, o fomento da arte como sistema cultural. Segundo Caparrós-Lera; Rosa (2013), a modernização da escola fez com que o cinema ganhasse espaço na sala de aula como veículo pedagógico.

Ademais, escolas e professores, de modo geral, não estão suficientemente preparados para lidar com esse tipo de linguagem. Por parte do professor, por exemplo, predomina a mentalidade do ensinar de forma tradicional, baseado fundamentalmente em aulas expositivas e no livro didático como referencial para informar e não para discutir e construir o conhecimento histórico. A escola é um bom instrumento para mensurar a inserção da linguagem cinematográfica na sociedade, pois ela é uma instituição que reflete as condições socioeconômicas e culturais de uma dada realidade social, IDEM.

A arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta e se transmite por outras vias além do discurso. A escola pode possibilitar o encontro com o cinema, ajudando os alunos a entendê-lo melhor enquanto arte, mas não pode obrigar ninguém a ser tocado por um determinado filme (BERGALA, 2008, p. 30).

Este processo é absolutamente individual, ainda que ocorra numa situação de experiência coletiva. Assim, o filme contribui para despertar a atenção dos estudantes à medida

que traz, de modo diferenciado, conteúdos necessários à formação curricular, sendo apresentados por uma linguagem interativa e que tende a sensibilizar quem está assistindo. Até porque as imagens e o som estimulam mais facilmente o cérebro dos alunos, facilitando a compreensão do tema didático transmitido em aula. Dessa forma, espera-se despertar professores e alunos para uma nova visão da educação, uma visão na qual os métodos tradicionais e os modernos possam fundir-se em novas possibilidades de aprendizado e crescimento pessoal e coletivo.

Além do mais, o ensino de arte e do cinema dentro das escolas, apesar de mostrar preocupação, de acordo com a atual LDB (9.394/96) no que diz respeito a experiência estética por meio da imagem a verdadeira importância de se pensar, o olhar sobre o cinema na escola nem sempre é de uma experiência crítica, pois a partir de seus argumentos consegue enfatizar certas características econômicas, vendo o aluno como um potencial consumidor de produtos culturais.

Nesta direção, o cinema vem sofrendo sensíveis transformações na sociedade e, por consequência, na educação, que refletem diretamente na vida cidadã. Transformações que envolvem uma gama de informações ao acesso de adultos, jovens e crianças, em que, de forma simultânea, informações são espalhadas por todo mundo. Além disso, acaba tornando-se também um tipo de espaço de aquisição de aprendizagem.

Ademais, a escola não é mais considerada como único espaço educacional, bem como o professor não deve ser mais considerado como detentor absoluto do conhecimento. São necessárias que ações pedagógicas sejam inseridas no cotidiano dos alunos atrelando diversos canais e ferramentas, tal qual o cinema, para o melhor desenvolvimento dos processos de aprendizagem. A este respeito, Klammer (2006, p. 05) argumenta que:

É importante ressaltar que a escola trabalha com o saber sistematizado, e por meio deste pode elevar o conhecimento do indivíduo a um patamar superior, ou seja, a escola pode instrumentalizar o aluno para que possa compreender e interpretar o mundo e particularmente o cinema.

Portanto, o cinema na escola poderá contribuir para ampliar a efetivação de um diálogo crítico com as mídias, de forma que sejam compreendidas as ideologias e as mensagens dos indivíduos por elas veiculadas. Haja vista que a partir deste recurso é possível interpretar e compreender o mundo e particularmente o cinema, a escola pode instrumentalizar o aluno nessa compreensão, sendo a escola a organizadora do saber sistematizador (MOGADOURO, 2011).

Nesta direção, é importante ressaltar que a escola é capaz de sistematizar os saberes socialmente construídos usando diferentes ferramentas, aqui analisando o cinema, pois acreditamos que por meio deste recurso é possível ampliar o conhecimento do indivíduo. Sendo, portanto, um bom motivo para o cinema adentrar na escola, pois, poderá trazer para toda a comunidade escolar a possibilidade de contato com a sétima arte (MOGADOURO, 2011).

Entretanto, o cinema só foi oficializado como recurso pedagógico no Brasil mais de um século depois de sua invenção, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Mesmo diante disso, o cinema demorou a adentrar na sala de aula das escolas brasileiras, o que ainda é refletido nos anos atuais.

No dia 26 de junho de 2014, foi aprovada a lei nº 13.006/14 a qual “Acrescenta §8º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica (FONSECA, 2016, p. 03).

Nesse sentido, a década 1930 começa com uma nova visão para o cinema como importante instrumento educativo. Quando já se interessavam em moralizar a produção cinematográfica que vinha de fora, os educadores da Escola Nova e os “homens de cinema” contribuíram para a criação de um cinema nacional. Contudo, foi possível observar que não contempla o cinema no que se refere ao Projeto Político-Pedagógico (PPP), o que vem reforçar a ideia de um mero recurso didático referindo-se somente às tecnologias (FONSECA, 2016).

Portanto, para se pensar e executar o acesso deste recurso é preciso fundamentalmente averiguar sobre que condições são indispensáveis para o trabalho do docente. Além do simples contato com filmes e produtos acabados, a importância de trazer o universo do cinema envolve e aproxima professor e aluno no diálogo com setores criativos do cinema, construindo uma relação de pertencimento e compartilhando percepções visuais. Dessa forma, esse encontro com o cinema para além da mediação a escola é o lugar propício para fomentar esse acesso.

2.2.1 O cinema como instrumento pedagógico

Dentre as bilhões de pessoas que frequentam os ambientes de cinemas estão certamente inclusos os(as) educadores escolares e estudantes. Entretanto, o cinema ainda é um recurso usado de forma limitada na escola, seja ela de concepção tradicional ou progressiva. Dentro desta perspectiva, pretendemos aqui discutir, mesmo que de forma breve, a incorporação de filmes como potencializador de conteúdos didáticos.

Vale esclarecer que qualquer outro recurso didático, assim como o filme, não resolve por si só o processo de aprendizagem, mas pode contribuir para bons resultados quando o professor organiza bem esse material. Porém, muitos profissionais ainda se encontram presos no processo de ensino-aprendizagem tradicional, não trabalhando com filmes ou qualquer recurso didático em sala de aula, tendo como principal método a memorização. Com isso, acaba se limitando ao livro como única forma para compreensão dos processos históricos, assim deixando entender, muitas vezes, que a disciplina de História se trata apenas de questões do passado.

Entretanto, um filme nunca revelará a totalidade dos processos históricos, e sim que este deve ser entendido como uma representação da realidade social vigente ou como mais uma visão acerca de um determinado processo histórico estudado. Em que Nascimento (2008, p. 02) observa:

Ensinar História é ir muito além dos fatos, das datas comemorativas ou até mesmo do uso de questionário. O uso de uma personagem da história ou de um tema ligado a ela não quer dizer que aquelas imagens sejam um retrato fiel da verdade. Logo, o uso do cinema só é válido quando inteirado com a leitura e contextualizado com a sociedade atual e o conhecimento da historiografia corrente, propiciando o entendimento das entrelinhas, ou seja, decifrando o que está implícito no filme.

Ademais, para tornar uma atividade como a ferramenta do cinema uma experiência cognitiva significativa, é imprescindível saber para quê e o porquê um determinado filme será trabalhado com os alunos. Se o professor não fizer uma problematização de acordo com o filme passado, essa atividade correrá o risco de se tornar uma simples apresentação corriqueira que foge do tema central, fazendo com o que o filme não se transforme em um instrumento pedagógico.

O cinema é um recurso utilizado na construção da imagem do passado, podendo assim ajudar a compreendê-lo, mas também a realidade contemporânea. Significa imagem em movimento, a origem da palavra cinema que em grego é conhecido por *Kinema*, proporcionando a uma possibilidade de que as próprias pessoas vejam com os olhos as épocas passadas e a sociedade onde vive.

É importante ressaltar que cabe ao professor fazer com que esse recurso seja utilizado de maneira coerente, fazendo uma problematização do filme com o conteúdo trabalhado em sala de aula, não passando o filme sem conexão com a proposta da aula. Sobre isto, Meireles (2019) alerta acerca de alguns cuidados que precisam ser tomados antes de usar o referido recurso didático.

A inserção de filmes como material metodológico, visto que o filme nem sempre retrata a história de acordo com os livros didáticos, é comum acontecerem erros, anacronismos, distorções, criações de personagens inexistentes e contextos distintos. A película pode dizer mais da época que foi produzida ao invés do período histórico que tenta reproduzir, cabe ao professor filtrar essas informações e esclarecer com ressalvas os pontos que fogem do contexto histórico (Idem, p.46).

Cabe ao docente, portanto, tomar esse cuidado na preparação e estudo do material que será apresentado para filtrar de maneira correta a mensagem que o filme deseja passar. Outro ponto importante é acerca do contexto da época em que o filme foi produzido, onde é mais para se mostrar sobre o momento histórico que tenta reproduzir do que a própria demonstração sobre o período de criação.

O educador precisa deixar claro para o educando que o filme não retrata a exata realidade, explicar que se embasar apenas pelas imagens de uma produção fílmica não será capaz de entender o processo histórico inteiro. Segundo Lima (2015), somente a partir dos não se pode entender um processo histórico em sua totalidade, porém, é possível a compreensão de partes dele, pois alguns trechos transmitem a realidade, e esse fato faz com que seja possível a utilização dos filmes no processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a parte ficcional utilizada pelos diretores em suas produções.

O mais importante é fazer com que o aluno pense e indague os tópicos de determinado conteúdo, bem como consiga compreender o que o filme quis trazer, assim essa ferramenta será um auxílio na aprendizagem do discente. Como mencionado por diversos autores, o cinema é um instrumento de emoção, com situação de construção de cidadãos críticos e autônomos. Dessa forma, pode ser utilizado para trazer os alunos para a sala de aula, em uma relação integrativa. Sendo assim, essa relação existente entre educação e cinema se faz presente há mais de cem anos, fazendo parte da sociedade, sendo ela informal ou formal, da vida humana e também da história do cinema.

Além disso, Freire (2006) afirma que não depende exclusivamente do professor o ensino, assim como não é algo apenas do aluno a aprendizagem. “Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2006, p. 25).

Ademais, a utilização didática do cinema em contexto educativo não constitui uma novidade. Ferreira & Júnior (1986) já haviam afirmado que o filme está destinado a revolucionar o nosso sistema educativo e que nos próximos anos irá ultrapassar grandemente,

se não totalmente, o uso dos livros. Assim sendo, o cinema pode promover a constante provocação do aluno na procura pelo conhecimento, enriquecendo, desta forma, o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Rosenstone (2010), cabe ao docente, medir os riscos e aproveitar as vantagens deste recurso por forma a potenciá-lo ao máximo, no sentido de traduzir a sua aplicação na obtenção de aprendizagens significativas, ao mesmo tempo em que permite aos discentes a uma atitude crítica, sendo um aspeto fundamental para uma análise cuidada e rigorosa de documentos desta natureza.

Para que as metas iniciais do docente sejam alcançadas é importante também motivação em promover tal atividade, excluindo a ideia de que o cinema sirva somente como diversão. O educador deve ter entusiasmo pelo cinema como elemento integrante da nossa cultura contemporânea. Cipolini (2009) enfatiza que, infelizmente, encontra-se cada vez mais restrita e limitada a cultura cinematográfica, sendo restrita a um formato de cinema, onde este possuía a representação de comercial americano. Diante dessa realidade, cabe à escola propor momentos para que os discentes se apropriem da diversificação da cultura audiovisual.

Além disso, os alunos geralmente relacionam o vídeo e a televisão a um contexto de lazer, entretenimento e descanso. Entretanto, de acordo com a mudança da visão que os discentes tinham, a escola modifica seus objetivos em relação ao processo educativo, atribuindo o uso do cinema como recurso didático. Contudo, a partir das expectativas positivas que os alunos concedem ao cinema, o professor pode aproveitar para estimulá-los a problematizar e ensinar certos assuntos do planejamento pedagógico.

Compreende-se que o cinema pode ser utilizado como um recurso didático na educação dos discentes como estratégia pedagógica que viabiliza a valorização da juventude contemporânea e dos processos educativos. No entanto, o cinema pode ser um importante instrumento didático-pedagógico, porém há uma série de cuidados a serem tomados, começando pela escolha do filme. Ao trabalhar com um determinado filme, o importante é fornecer elementos para que o aluno perceba que se trata de construções, não de retratos de um período histórico.

Portanto, todo recurso tecnológico é válido para o ensino, seja uma arte, como é o caso do cinema, ou até mesmo um aparelho eletrônico simples, como o celular. O que precisa ficar claro é que para fazer uso de tais recursos é necessário saber aonde se deseja chegar, e para isso ter um objetivo claro e definido é indispensável. Conforme enfatiza Jean Piaget (1980), a educação deve ter como principal objetivo o de criar pessoas capazes de fazer coisas novas e

não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram, pois a educação é capaz de fazer a “revolução” para executar um projeto de transformação social.

Nesse contexto, em consonância com a visão de Paulo Freire (2011), ao destacar que se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Ensinar é provocar, despertar, mobilizar e sensibilizar o educando para que potencialize seus conhecimentos. É de responsabilidade do professor despertar a curiosidade do aluno para que o mesmo desvende e apresente alternativas para os diversos questionamentos.

2. 3 O uso do Cinema no Ensino de História

Na visão de Nóvoa (1995), o século XX traz diferentes interações entre o cinema e a história e, ao mesmo tempo abriu portas para novas e promissoras possibilidades para o século XXI. Nesta direção, o cinema passou a ser inserido no ensino de História.

Vale destacar que no âmbito escolar, particularmente no ensino de história, as metodologias utilizadas pela maioria dos professores ainda são de cunho tradicional, uma vez que os mesmos ficam muito presos a lousa e ao livro didático, metodologias consideradas ultrapassadas por diversos estudiosos da educação. Nesse contexto, a disciplina de história possui uma vasta diversidade em recursos metodológicos uma delas é o recurso cinematográfico. A utilização de tal recurso pode romper com o conhecido tradicionalismo didático aplicado por alguns professores, uma vez que esse método além de novo, consegue despertar nos alunos uma melhor capacidade de assimilação de conteúdo, bem como trabalha diversas outras áreas cognitivas dos discentes.

Nesta perspectiva, procurar um método que facilite a compreensão do conteúdo e faça a ligação entre o aluno, pode trazer uma maior interação entre eles, assim como a elaboração do melhor processo de ensino-aprendizagem em sala de aula pode ser um dos caminhos para despertar uma melhor apropriação do conhecimento histórico, bem como um maior interesse entre o aluno e a aprendizagem. Dessa forma, utilizar o cinema como recurso para desenvolver outras habilidades no componente curricular de História possibilitará aos educandos que façam reflexões sobre o conhecimento histórico, uma vez que estamos inseridos nesse contexto das tecnologias, em que o uso da imagem está cada vez mais presente.

Sob essa ótica, consideramos não ser vantajoso recusar ou negar o uso de ferramentas tecnológicas como, por exemplo, o cinema na prática pedagógica para o ensino de História.

Embora o cinema, como recurso didático, não seja uma abordagem nova para o referido componente curricular, ele não vem sendo tão popularizado como deveria ser.

De acordo com Brighenti, Biavatti e De Souza (2015), a maioria dos professores prefere usar a aula expositiva como parte principal do seu método de ensino, tornando suas aulas tradicionais, não se adequando ao novo contexto tecnológico escolar. Essa preferência, muitas vezes, está atrelada às condições de trabalho, aos recursos disponíveis para execução do filme, ou mesmo ao despreparo em utilizar esse recurso didático, não possuindo o domínio do material.

Segundo Pereira (2012), as narrativas cinematográficas constituem-se em fontes corriqueiras de apreensão dos conhecimentos históricos e, por esse motivo, se transformam em importantes subsídios para consciência histórica de quem assiste, seja dentro ou fora da sala de aula. Para tanto, é necessário problematizar, questionar e propor maneiras de como desenvolver a aprendizagem em história, assim, nenhuma ferramenta correrá o risco de ser vista como única solucionadora do problema, negando a complexidade que existe na educação e no ensino de história.

Portanto, adotar esse recurso na área de História deve pressupor previamente a elaboração de muitas indagações sobre a produção da película que vão muito além do *glamour* visual, de forma que o professor deve passar por um processo de educação do olhar que lhe possibilite "ler" as imagens cinematográficas. Sendo necessário o docente conhecer o filme para poder passar para os discentes em sala.

Além disso, o educador não deve encarar o cinema como o único instrumento metodológico à disposição dele, nem como um portador de um “princípio milagroso” que transforme o ensino no país, mas como uma prática a mais, em conjunto com outras linguagens, para promover a reflexão e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula.

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, uma das principais discussões na área da metodologia do ensino de História no Brasil tem sido a incorporação de diferentes linguagens e fontes no estudo dessa disciplina. Como exemplos, imagens, obras de ficção, jornais, canções, TV, internet, mídias em geral e o cinema. [...] Entre essas fontes mais utilizadas no processo de ensino e aprendizagem de História, estão os filmes (GUIMARÃES, 2009, p. 02).

Ademais, o ensino urge por discussões urgente com o objetivo de requerer medidas efetivas que repensem os parâmetros nos quais a formação educacional está ocorrendo, bem como deve-se refletir sobre a contribuição que o ensino de História tem dado para que a educação não seja apenas a formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho,

mas principalmente, constitua-se em um dos mecanismos que contribuem para que se viabilize uma educação para a cidadania.

Ao aplicar uma atividade com filmes na sala de aula, feito preliminarmente, o levantamento e a escolha do filme, a partir do conteúdo da unidade e da faixa etária da turma, o professor deve tomar alguns cuidados preliminares imprescindíveis para o bom desempenho de sua prática pedagógica, que é a preparação e a execução. Assim, o docente deve assistir primeiro o filme, elaborando o planejamento da aula, expondo os objetivos, os critérios metodológicos e avaliativos, bem como os temas para discussão.

O professor deve fazer questionamentos para instigar a curiosidade do aluno ao assistir ao filme. Segundo Ferro (1992), uma criação cinematográfica diz tanto quanto um questionário, uma vez que são infinitas as possibilidades de leitura de cada produção. Dessa forma, é importante explorar o filme na perspectiva de alcançar e atingir os objetivos da aula. Usar a criatividade é de suma importância para desenvolver a capacidade de analisar a produção fílmica, deixando a aula mais interessante e prazerosa de aprender.

Ensinar História é ir muito além dos fatos, das datas comemorativas ou até mesmo do uso de questionário. O uso de uma personagem da história ou de um tema ligado a ela não quer dizer que aquelas imagens sejam um retrato fiel da verdade. Logo, o uso do cinema só é válido quando inteirado com a leitura e contextualizado com a sociedade atual e o conhecimento da historiografia corrente, propiciando o entendimento das entrelinhas, ou seja, decifrando o que está implícito no filme (SOUSA, 2012, p. 09).

A disciplina História também passou por mudanças e transformações, onde é preciso ter uma nova abordagem, novos objetos, buscando outras fontes de recursos. Assim, outras linguagens foram se incorporando ao ensino de História, uma vez que essas mudanças e incorporações produziram modificações na didática de História. Essas transformações provocaram uma reformulação na prática pedagógica, a produção fílmica passou a ser considerada de extrema importância para a construção do conhecimento histórico do saber escolar. A aceitação do uso do cinema como recurso pedagógico resulta do abandono da concepção de História da escola metódica, tendo essa concepção com ruptura marcada a partir da obra de Marc Bloch e Lucien Fèbvre na fundação da revista dos *Annales* “Anais de História Econômica e Social”. Com o surgimento da Escola dos *Annales*, começou-se de forma tímida a introduzir o cinema como um documento viável para analisar um determinado período e a sociedade que o produziu.

O professor deve e pode usar todo tipo de recurso tecnológico na educação para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Ressaltando o papel do docente, que é primordial, quando

o mesmo sabe usar de maneira correta esses recursos, o aluno aprende mais fácil se fazendo presente nas aulas, tornando-se mais participativo, sendo o protagonista e não meramente um espectador.

Sendo assim, ao professor recai toda a responsabilidade do sucesso ou do fracasso. Por isso é importante ficar bem claro para o educador que não importa qual seja sua estratégia, o que realmente importa é levar o processo de ensino-aprendizagem com seriedade e afeto, já que “A educação que visa à formação de um ser com autonomia e liberdade não pode reproduzir qualquer padrão ultrapassado de ensino. O professor-educador preocupado com a aprendizagem de seus alunos tende a buscar novas formas de ministrar suas aulas, com o único objetivo de tornar o ato de aprender cada vez mais agradável e prazeroso (NASCIMENTO, 2008, p.04).

Portanto, ensinar História, assim como qualquer outra disciplina, é um desafio hoje para os educadores, haja vista o caos em que o processo educacional está mergulhado em nosso país, onde há uma desvalorização da profissão docente. Nesse contexto, poucos alunos optam por ingressar nas universidades para a área da licenciatura, algumas vezes até o próprio professor desmotiva o aluno que deseja entrar no magistério. Porém, ser professor é uma das melhores sensações que se pode ter, se sentir realizado passando o conhecimento para os educandos, sendo importante no processo de ensino-aprendizagem. O cinema, por sua vez, está inserido como um recurso para melhorar esse ensino, se tornando aliado no processo de aprendizagem dos discentes. Por fim, não é só passar o filme por passar, mas fazer uma problematização com o conteúdo trabalhado em sala de aula, assim esse recurso será de grande valia para a aprendizagem do educando.

3 MARCO METODOLÓGICO

O marco metodológico é a parte do trabalho em que é possível entender as razões e as estratégias que motivaram o estudo de uma determinada temática. No caso da utilização do cinema, muito se discute sobre a urgência de que o sistema educacional dialogue com o todo da sociedade e inclua em suas ferramentas as práticas sociais que circulam dentro dela. Uma das formas de fazer isso está na inclusão de mídias diversas no processo educacional e o cinema na sala de aula é uma delas. Assim, os meios de comunicação e as artes constituem uma fatia considerável das práticas sociais com grande potencial pedagógico, mas ainda são mal utilizadas.

Apesar de ser uma forma eficaz e muito difundida na prática do ensino, o uso de recursos cinematográficos ainda carece de melhoramentos por parte dos profissionais que o utilizam. A utilização correta dessa ferramenta pode ser bastante promissora se observados os principais objetivos que podem atingir. Ademais, a escola no contexto da sociedade contemporânea, não pode mais ser avaliada como um ambiente independente, porém, adaptar-se no mundo da sociedade globalizada. Sendo assim, a tecnologia tornou-se um importante instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um aliado pedagógico, contribuindo para que o professor atinja seus objetivos, de forma acoplada com os avanços na nossa sociedade, tornando as aulas mais interessantes e favorecendo a compreensão e a consolidação da aprendizagem.

Portanto, ensinar requer do educador uma postura de pesquisador sempre em busca de recursos didáticos pedagógicos que possibilitem/facilitem a aprendizagem e subsidiem o docente ao ensinar com o objetivo de tornar sua aula prazerosa. Já se espera do discente que sinta prazer na descoberta do conhecimento. Dessa maneira, o uso de filmes pode proporcionar a quebra da rotina didática de aulas expositivas e centradas no livro didático e aproximando mais o aluno do professor.

3.1. Método

Conforme Lakatos e Marconi (2007), o método é aquilo que é percebido como um conjunto de atividades organizadas em um sistema lógico, a fim de alcançar-se um objetivo. Nesse sentido, o trabalho em tela trata-se de uma pesquisa dialética com estudo analítico de

cunho bibliográfico e abordagem qualitativa, que busca discutir o cinema como ferramenta pedagógica e não somente de entretenimento através de dados concretos já publicados. Sendo assim, foi feita uma análise crítica de publicações científicas como artigos ou livros, que tratam a respeito do uso do cinema como metodologia de rompimento com o método tradicional de ensino.

Para isso, também foi utilizado o próprio cinema como metodologia, pois alguns filmes foram analisados criticamente e discutidos no marco analítico, como poderiam ser utilizadas tais películas para a criação de aulas no ensino de história.

No primeiro momento foram feitos levantamentos bibliográficos nos mais importantes sites, revistas e jornais eletrônicos de pesquisas em educação e História, a saber: Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Periódico CAPES, bem como Periódicos das mais diversas Universidades brasileiras.

No segundo momento, após o levantamento bibliográfico foi feita a análise de todos os materiais coletados, em busca de um entendimento lógico e racional a respeito do tema discutido neste trabalho monográfico e as questões atuais enfrentadas pelas escolas brasileiras.

Em um terceiro momento, dois grandes filmes foram escolhidos e assistidos para que fosse feita uma análise, buscando pensar os principais meios de utilização desses recursos como uma poderosa arma pedagógica, uma vez que, como mencionado anteriormente, o cinema tem um poder de atração, persuasão e criação do imaginário da população muito grande. Quebrando paradigmas que o cinema serve não somente para entretenimento, mas sendo um aliado no processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

3.2 Tipo de Estudo

A maioria das pesquisas das ciências humanas e sociais, utilizam a pesquisa qualitativa, pois se constitui como uma poderosa arma de compreensão da complexidade do comportamento humano e suas interações (DENZI & LINCONL, 2005). A investigação qualitativa envolve abordagens interpretativas e naturalísticas dos temas estudados, com isso o investigador que utiliza deste método investiga um ambiente ou um fenômeno, a fim de interpretá-los. Com isso, este projeto busca fazer isso através de publicações feitas em revistas e jornais eletrônicos sobre o uso do cinema no ensino de História, ressaltando pontos importantes de como esses recursos se tornam uma arma poderosa no processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, o estudo dialético também se faz presente neste trabalho, pois segundo GIL (1999), a dialética permite analisar de formas coerentes contradições entre as diferentes realidades, compreendendo os possíveis motivos pelos quais tais efeitos ocorrem. Como também, através da dialética é possível fazer uma dedução racional das ideias do objeto estudado nas ciências humanas, uma vez que a dialética desenvolve uma criticidade que auxilia na melhor compreensão sobre os questionamentos levantados em seus estudos.

Em suma, buscando uma compreensão ampla e crítica sobre o objeto desse estudo, a dialética somará como uma arma muito importante. Será através da dialética e da pesquisa qualitativa, que este estudo estará pautado em todo o seu desenvolvimento até a sua conclusão.

3.3 Levantamento de informações

A presente pesquisa é uma revisão de cunho bibliográfico. Nesta direção, a mesma foi construída a partir da visão de diversos autores que discutem o uso do cinema como recurso didático no ensino de História. De acordo com Gil (2008), por meio do embasamento de referenciais teóricos já existentes é possível construir uma pesquisa que pode ser útil para subsidiar outros estudos. Dessa forma, esta investigação contempla com reflexões teóricas acerca do percurso histórico do cinema e como ele adentra na escola fazendo parte do processo do ensino-aprendizagem. Corrobora com essa ideia, também, Pereira (2012), ao discutir sobre a importância do ensino de História e as narrativas cinematográficas, bem como as diferentes abordagens acerca do cinema como possível recurso didático.

Na visão de Duarte e Alegria (2008), o docente deve usar o cinema como um meio de promover entre os alunos reflexões e debates pertinentes aos conteúdos selecionados, priorizando o diálogo, a interação e a aprendizagem. Nesse sentido, o levantamento de informações se torna um dos principais métodos desta pesquisa, pois sendo ela de cunho dialético bibliográfico, faz-se a necessidade de se ter um levantamento de informações plausíveis para que, dessa forma, seja possível obter uma maior compreensão sobre o tema.

Partindo da definição do tema desta dissertação monográfica, buscou-se estudar obras que foram escritas sobre o assunto para entender os aspectos do uso do cinema como recurso didático no ensino de História. Para encontrar artigos que tratam do tema, foram realizadas buscas em: Google Acadêmico; Periódico CAPES; Google Books; Scielo; Biblioteca Digital de teses e Dissertações e Periódicos das mais diversas Universidades Públicas brasileiras.

3.4 Análise do filme

A análise de filme para esse projeto se faz importante, pois o foco de todo o estudo está centrado no cinema. Com isso, segundo Fresquet e Paes (2016), o filme pode ser de grande ajuda no processo de aprendizagem quando usado de maneira correta, o docente fazendo uma reflexão acerca do filme passado, não utilizando como passatempo. Sendo assim, no terceiro momento de desenvolvimento dessa pesquisa, foram assistidos e feita uma breve análise crítica sobre os seguintes filmes: *O menino do pijama listrado* e *Guerra de Canudos*.

A reprodução cinematográfica *Guerra de Canudos* foi criada em 1997, dirigida por Sergio Rezende, estreada em 3 de outubro de 1997 (Brasil), possuindo 170 minutos de duração. Já o filme *O menino do pijama listrado*, possui título original *The Boy in the Striped Pyjamas*, seu ano de produção é 2008, foi dirigido por Mark Herman, sua estreia se deu no dia 26 de setembro de 2008 (Brasil), tendo duração de 94 minutos.

Além disso, o percurso metodológico evidenciado na pesquisa viabiliza a aplicabilidade do estudo diante das particularidades referidas na compreensão da utilização dos filmes nas aulas. Pois, o cinema desde 1998 é reconhecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um recurso pedagógico que possibilita aos alunos a compreensão dos processos históricos de uma maneira mais dinâmica e atrativa.

Portanto, após a análise dos filmes anteriormente mencionados, será apresentado maneiras de como trabalha-los em sala de aula respeitando os parâmetros curriculares da disciplina de História, ao qual contribuirá para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

4 MARCO ANALÍTICO

O cinema pode e deve ser utilizado como uma ferramenta didático-pedagógica. O uso de filmes em sala de aula torna as aulas mais dinâmicas e atrativas e o cotidiano escolar passa a ser menos cansativo para professores e alunos. Vale salientar que filmes possibilitam a aprendizagem de várias habilidades, pois fornece um ambiente agradável, motivador, tornando os alunos mais interessados, pelo fato de a aula sair do campo meramente expositivo. Observa-se que, para a maioria dos discentes, as aulas de História, pela monotonia e pelo excesso de leituras exaustivas e desconexas da realidade, são desestimulantes e não os fazem ter vontade de aprender, tão pouco serem participantes ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Além do mais, o uso de filmes em sala de aula pode tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, pelo fato da aula sair do tradicional, permitindo uma maior assimilação de novos conteúdos e favorecendo a fixação de conhecimentos. Contudo, é necessário que o docente faça uma análise desse recurso, sabendo diferenciar o que é proveitoso, considerando a necessidade de um trabalho de contextualização, para que a exibição não se transforme em um mero passatempo e sim ajude no crescimento e aprimoramento das aulas.

Diante do exposto, este capítulo se debruça em analisar cenas de reproduções fílmicas, com o intuito de verificar a pertinência do uso do cinema como recurso pedagógico inovador e motivador, aqui pensado para o componente curricular de História. Nesta direção, o presente capítulo foi dividido em três tópicos e nestes foram analisadas algumas cenas.

4.1 Cinema como Ferramenta Pedagógica

Neste item, intencionamos tecer uma análise acerca do uso do texto fílmico nas aulas de História, haja vista, conforme já mencionado, este recurso como ferramenta de aprendizagem possibilita, entre outros aspectos, a discussão acerca da diversidade em sala de aula, também sobre situações críticas da realidade social. Nesta direção, acreditamos que a partir da utilização da linguagem cinematográfica na educação e, é claro, a depender da forma como esta é usada, poderá subsidiar os(as) professores(as) na construção de saberes e fazeres que vão além do livro didático. Assim, a utilização desse recurso como uma proposta pedagógica, poderá contribuir para uma formação crítico-reflexiva por parte dos discentes, entendendo o diálogo entre as

questões socioculturais e mais amplas que dominam a sociedade atual como também sobre o currículo escolar.

Ademais, no processo de ensino-aprendizagem existem diversos questionamentos sobre a utilização dos meios de comunicação audiovisuais. Entretanto, para a efetivação desse novo paradigma educacional, há muitas dificuldades que se impõem, como por exemplo, os(as) professores(as) que não receberam uma formação adequada para acompanhar essas mudanças tecnológicas, necessitando muitas vezes da formação continuada por parte do docente.

Nesse contexto, além de auxiliar na desconstrução do paradigma educacional, os meios de comunicação audiovisuais, a exemplo do cinema, atrela também as competências gerais e específicas presentes na BNCC. Citamos aqui as habilidades pedidas pela BNCC que é a interdisciplinaridade, uma vez que trabalhará em diversos pontos importantes na construção do conhecimento dos alunos, como fala Viana, Rosa e Orey:

É importante que a educação escolar ofereça aos alunos oportunidades de conhecimento e aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica. Nesse direcionamento, o trabalho com a linguagem do cinema contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica da diversidade presente na sociedade por meio das novas tecnologias, pois esses instrumentos proporcionam benefícios à formação dos alunos (VIANA, ROSA, OREY, 2014, p.02)

Dessa forma, o cinema, como veículo de comunicação, é importante, pois ajuda no desenvolvimento dos conteúdos escolares e no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, auxilia os discentes a conhecerem e a aprenderem sobre a diversidade presente no espaço escolar por meio da linguagem cinematográfica, bem como quebra com a monotonia das metodologias tradicionais trabalhadas em sala de aula que, por muito tempo, vêm sendo ditas como ultrapassadas por diversos pesquisadores na área da educação.

A partir dessa ótica, acreditamos que quando o cinema se integra ao âmbito educacional ele torna-se um ato de reflexão crítica e de aquisição de conhecimentos sobre um lado importante da história cultural dos últimos cem anos, em que a humanidade tem deixado as multiculturas em imagens e em suas marcas narrativas.

Os veículos de comunicação audiovisuais possibilitam a aquisição de informações. Estas, que a depender da forma como o professor a conduz, poderá se tornar conhecimento. Para tal, se faz necessário a clareza pedagógica e o valor didático que o recurso do texto fílmico possibilita. Segundo Carmo (2003, p. 12):

Cinema como prática pedagógica pode fazer o aluno se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, pelo modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários. O porquê do cinema na escola só se justifica se ele desperta o interesse pelo ensino no sentido tradicional e, ao mesmo tempo, mostra novas possibilidades educacionais apoiadas na narrativa cinematográfica.

Dessa forma, o cinema tem contribuído consideravelmente como ferramenta no processo ensino-aprendizagem, uma vez que, como abordado em parágrafos anteriores, esse meio de comunicação audiovisual consegue implicar no modo como as pessoas entenderão determinado contexto histórico de uma sociedade em uma determinada época, seja ela ficcional ou realista.

Nesta direção, seguindo a linha de algumas pesquisas, arriscamos afirmar que o componente curricular de História é um dos que mais usa o cinema em suas aulas. Isso se dá pelo fato de que o filme, especialmente os que retratam fatos vividos em alguma época do passado, consegue retratar com maior representatividade o modo e o contexto de uma determinada época e sociedade. O texto filmico poderá ser uma ponte entre o texto presente no livro didático e as cenas de cunho histórico apresentadas no filme ou documentário. Duarte (2002, p. 17) afirma que “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

Portanto, o recurso cinematográfico é um instrumento que consegue apresentar realidades distintas, pois é um meio que informa e possibilita que os indivíduos se envolvam com essas especificidades, contribuindo assim para a formação de pessoas mais críticas, que possam entender a sociedade em geral, sua realidade e suas particularidades. Dessa forma, a escola potencializa essa relação, ou seja, que os alunos saiam do estado passivo para o ativo, no sentido de fazer uma ligação entre a mensagem transmitida pelo cinema de diferentes formas e interferindo de modo consciente com as questões que assolam o país.

4.2 Breve análise sobre o filme Guerra de Canudos

Na narrativa filmica *Guerra de Canudos* é possível contextualizar diferentes aspectos relacionados com as Revoltas na Primeira República, bem como os envolvimento de pessoas, a exemplo: sertanejos; ex-escravos; pequenos proprietários pobres; homens e mulheres perseguidos pelos coronéis ou pela polícia. Todos em busca de paz e justiça, em meio a fome e a seca do sertão, se revoltaram contra a república e se tornaram a favor da monarquia.

Este povo teve como líder Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro), que era conhecido pelos seus fiéis como o “Bom Jesus conselheiro”, quando aos seus 65 anos, em 1893 chegou a uma velha fazenda abandonada no sertão baiano, situada às margens do rio Vaza-Barris, onde liderou a formação do povoado de Canudos. Desde 1870 ele fazia pregações que atraíram crescentes número de pessoas do sertão nordestino, um dos seus lemas era “A terra não tem dono, a terra é de todos”. Com isso, Antônio Conselheiro conseguiu formar um povoado com cerca de 20 a 30 mil habitantes, em vista disso, logo os religiosos católicos e a república começaram a atacá-los, pois toda aquela multidão, seguida pelo conselheiro, era contra o regime da república que cobrava altos impostos.

Iniciamos a discussão acerca do filme *Guerra de Canudos* a partir da seleção de algumas cenas que consideremos relevantes para a análise do contexto supracitado.

4.2.1 CENA 1 - Regime da República: alta cobrança de impostos

A narrativa do filme inicia-se com a família da protagonista Luíza, um povo sertanejo, que enfrenta a seca severa do sertão e por esse motivo tiveram de vender suas vacas, no entanto não pagaram os impostos da venda ao governo tendo algumas vacas tomadas como quitação da dívida.

Pai de Luíza: Não pode me levar as vacas. Nem me são mais minhas. Apalavrei tudo num negócio

Soldado: Apalavrou não. Vendeu, recebeu e não pagou o que devia.

Pai de Luíza: não pedir dinheiro emprestado. Pois não tinha como pagar. A seca levou quase tudo.

Soldado: Chuva ou seca é a vontade deles.

Mãe de Luíza: Deus nunca me tomou o que é meu.

Soldado: Ninguém está lhe tomando nada não, dona. São impostos. É a lei republicana. Se acha que está errado, faça uma petição e reclame ao presidente da república, Presidente Prudente de Moraes.

Pai de Luíza: Isso é roubo.

Soldado: Não me chame de ladrão! (7:20)

O diálogo deixa claro como era a política naquela época: o governo do Presidente Prudente de Moraes foi marcado por crises herdadas da crise do encilhamento, acentuando-se com os gastos que o governo tinha com o setor militar. Com isso, os impostos daquela época eram altíssimos e todos tiveram de pagar as contas. Nesse contexto, a narrativa inicial pode ser utilizada pelos docentes para dar inícios as discussões sobre o regime político e seus aspectos econômicos.

Dando prosseguimento ao filme, dias depois da cobrança de impostos aos sertanejos, a família estava reunida em frente de casa quando ao fundo da paisagem árida do sertão baiano observa-se uma multidão caminhando em direção a fazenda. Nela estava Antônio Conselheiro e seus fiéis peregrinos (figura 1). Ao chegar na frente da casa, Conselheiro começa a pregar em favor da crença cristã e contra a república, a não cobrança de impostos, usando como um dos seus lemas a defesa de que a terra é de todos. Por outro lado, a família fascinada com as ideias do beato e indignados com o sistema de cobrança de impostos do país, resolvem se somar à multidão e acompanha os andarilhos pelo sertão (figura 2). No entanto, Luíza é contra a ida da sua família e resolve fugir, após andar por dias no escaldante sertão nordestino encontra uma pequena cidade na qual passa a morar e trabalhar em um cabaré.

Figura 1. Antônio Conselheiro, com seus fiéis, chegam até a fazenda dos pais de Luíza.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 2. A família de Luíza seguindo Antônio Conselheiro e seus fiéis.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

O livro *História Escola e Democracia* (9º ano) de Campos, Claro e Dolhnikoff, retrata Antônio Conselheiro como:

Ao final do século XIX, um pequeno comerciante, conhecido como Antônio Conselheiro, atrairia uma legião de seguidores entre os nordestinos. Nascido em 1828 em Quixeramobim, interior do Ceará, tornou-se beato e pregador a partir de 1872. Para muitos era um profeta, um homem de Deus. Após a proclamação da República, Conselheiro e alguns de seus seguidores reagiram à cobrança de impostos e organizaram uma ruidosa manifestação (CAMPOS, CLARO, DOLHNIKOFF, 2018, p. 70)

Observa-se no filme que os elementos utilizados na caracterização do personagem de Antônio Conselheiro, como as vestes, a barba, o cabelo e o cajado, bem como o modo de se portar, foi pensado para que fosse transmitido ao espectador a imagem representativa de uma figura divina, a de Jesus Cristo, pois como conta nos livros de história, Antônio Conselheiro era conhecido como o “Bom Jesus Conselheiro” (COTRIM, 2005). No entanto, para muitos líderes da igreja católica, Antônio Conselheiro e seus seguidores desrespeitaram o catolicismo (COTRIM, RODRIGUES, 2018). Sendo assim, além dos fatores narrativos, os elementos de caracterização do elenco também auxiliam os discentes no exercício da imaginação e análise crítica dos fatos, o que contempla as competências **CG1**, **CG2** e **CG3** da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Após fugir e se instalar em um cabaré, Luíza ouve alguns soldados e coronéis que estavam em uma roda de conversa banhada a cachaça no bordel, falando sobre as andanças de Antônio Conselheiro e seus seguidores, ouve também sobre a instalação deles em uma fazenda abandonada.

4.2.2 CENA 2 - A construção de canudos

Ao peregrinar pelo sertão baiano, o beato ganha milhares de adeptos aos seus pensamentos, que resolvem segui-lo. A sua pregação se espalha feito poeira ao vento pelo sertão nordestino e muitas pessoas de outros estados começam a sair em busca da tropa de Antônio Conselheiro. Mediante o grande número de pessoas e uma seca severa que atingiu a região naquele ano, Antônio Conselheiro resolveu se fixar em uma fazenda abandonada que encontrou próximo a um rio (figura 3), dando então início ao lugar que tempos depois seria conhecido por Canudos. Os historiadores remontam esse fato dizendo:

[...] Junto a seus seguidores se instalou em uma fazenda abandonada da Bahia, próxima a um rio temporário chamado Vaza-Barris, onde havia umas poucas e humildes casas habitadas por algumas famílias. A região era árida, o solo pedregoso, e, durante as épocas de seca prolongada, a água só era obtida em pequenos poços perfurados no fundo do leito ressecado do rio. Antônio Conselheiro chamou a localidade de Belo Monte, mas, devido à abundância de um tipo de vegetação denominado canudo-de-pito, o lugar ficou conhecido como Canudos. (CAMPOS, CLARO, DOLHNIKOF, 2018, p. 70).

Figura 3. Antônio Conselheiro finca o cajado na terra seca e anuncia que aquele era o lugar onde iriam ficar.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Na trama do filme, essa história é apresentada de forma que o espectador entenda o exato momento em que o beato e seu povo deixam a vida de peregrino. A narração do personagem revolucionário é marcante para esse entendimento ao decorrer da sua fala Antônio Conselheiro diz:

Antônio Conselheiro: Meus irmãos. Eu andei mais de mil léguas nesse sertão. Mas, agora o tempo das andanças acabou. Aqui! nessa terra de Deus, eu fundo nosso império belo monte. Quem quiser ficar, fique! Mas trate de trabalhar. Orar e viver o devido respeito, mas com tenência. A perseguição virá no rumo dos meus passos. Primeiro vem a enchente e depois então a semente. Quando os soldados anticristo chegarem as águas dos rios vão ser leite para nós, sangue para eles. A poeira desse chão vira fubá para nós e espinhos para ele. O sertão vai virar praia. A praia vai virar sertão.

Fiéis: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo...para sempre seja louvado. (18:05)

A narração do pregador está repleta de elementos que fazem ligação ao restante da história. Ao chamar os soldados de anticristo, Antônio Conselheiro está se referindo ao Estado que havia permitido a sociedade casar-se no civil antes de casar na igreja. Ele era contra tudo aquilo que fosse oposto aos costumes da igreja e por esse motivo chamava os soldados, coronéis, presidente da república e aqueles que fossem ligados ao Estado de anticristo.

Deste modo, em junho de 1893, o povoado de canudos foi ganhando forma (figura 4), aos poucos aquelas pessoas foram construindo suas casas, todos que chegassem lá eram bem-vindos, desde que aceitasse o trabalho comunitário que instalou-se entre eles, com isso começaram a gerar sua própria economia (20:27). Os habitantes se dedicavam à pecuária e à agricultura, atividade que garantia a subsistência de todos.

Figura 4. Povoado de canudo ganhando forma em 1893.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Os diálogos entre eles, justo ao texto que o livro de história trás, faz com que os discentes possam verificar o desenvolvimento de urbanização e modernização do povoado de Canudos, embora esteja se falando de um povoado que foi construído por “revolucionários” e sem planejamento. Sendo assim, esta cena contempla a habilidade **EF09HI05** da BNCC, que possibilita aos alunos “Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive” (BRASIL, 2021).

O rápido desenvolvimento de Canudos e sua independência despertou a aflição dos líderes religiosos e dos políticos. A igreja católica então resolveu organizar grandes campanhas contra Canudos, porém, devido a principal ideia de Antônio Conselheiro de ir contra a república, os principais inimigos do povoado eram os republicanos, com isso Canudos recebeu constantes ataques político-militares.

4.2.3 CENA 3 - Conflitos e a destruição de Canudos.

À primeira vista, nos últimos momentos da cena anterior, Antônio Conselheiro pede para um dos seus homens de confiança criar uma espécie de exército. Sabendo que iria sofrer ataques, tanto religioso, quanto do Estado, Conselheiro recruta homens para formar o que ele batizou de “Guarda católica”, o seu exército era composto em sua maioria por homens e adolescentes, porém, durante os conflitos as mulheres também participavam lutando.

Três anos após o início da cidade, em 1896, Canudos sofre o seu primeiro ataque. Após a compra de madeira para continuação da construção da cidade que não foi entregue pelo vendedor, Conselheiro ordena ataques à madeireira para pegar aquilo que havia comprado, no entanto, um Juiz que ficou sabendo do ocorrido, manda tropas militares atacarem o Belo Monte (primeiro nome de Canudos) (Figura 5). Foi uma batalha sangrenta, com soldados portando armas de fogo, no entanto, a guarda católica com armas brancas tais como facões, enxadas e outros itens de trabalho no campo, conseguem vencer os militares (Figura 6).

Figura 5. A guarda de canudos invadindo a madeireira. Na imagem abaixo, a batalha entre os moradores de Canudos contra os militares.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 6. A guarda de canudos invadindo a madeireira. Na imagem abaixo, a batalha entre os moradores de Canudos contra os militares.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Em virtude disso, as imagens dão abertura a diálogos entre alunos e professores, onde o docente pode introduzir sobre os diversos conflitos ocorridos durante a primeira república, que na maioria deles tiveram a participação de sertanejos, ex-escravos, pequenos proprietários de terras e pequenos comerciantes que revoltados com a maneira como o país era conduzido voltavam-se por vezes contra a república. Nesse sentido, as filmagens são aliadas no processo de entendimento desses conflitos, pois mostra como eram as lutas naquela época, além disso trabalha nos alunos a habilidade **EF09HI07**, ao modo que é possível identificar ex-escravos entre os habitantes de Canudos.

Além desse primeiro conflito, Belo Monte, como foi chamada pela primeira vez, recebeu vários outros ataques militares, pois a república tinha a intenção de acabar com a localidade e as ideias antirrepublicanas. Com isso, sedentos por vingança após terem perdido o primeiro conflito, os soldados voltam para um segundo ataque, desta vez mais violento, a fala do general deixa claro o quanto eles queriam destruir o pequeno povoado:

Segundo comandante: Como disse Napoleão, os exércitos marcham com o estômago.
General: Mas vencem com a alma.
Segundo comandante: Se me permite. O certo seria manter o seu plano. rancho, descansar e depois atacar.
General: Senhores, vamos almoçar em Canudos! (42:20)

Mesmo com mais soldados na segunda luta, os sertanejos vencem novamente a batalha. O fracasso do exército repercute nacionalmente e desperta reações do Rio de Janeiro e São Paulo

e na Capital Federal (CAMPOS, CLARO, DOLHNIKOF, 2018). As sucessivas falhas dos militares em combater o movimento religioso no sertão baiano faz com que vários outros ataques sejam ordenados e cada vez com maior poder de fogo. Em 3 de março, novas tropas chegam a Canudos e começam um novo ataque, perdendo mais uma vez o combate.

O filme apresenta as datas e o contexto exato como os novos conflitos se deram. Até a luta do dia 18 de julho de 1897, os fiéis não haviam perdido nenhuma batalha (Figura 6). Porém, com o novo combate e as novas armas que chegaram até o vilarejo, houve a primeira derrota daquele povo. No dia 06 de setembro de 1897, a igreja que havia sido levantada pelos seguidores de Conselheiro foi destruída (Figura 7). No filme, essa cena é reproduzida com riqueza de detalhes, permitindo ao espectador entender o ocorrido. Após isso, as derrotas começaram a surgir. No dia 22 de setembro de 1897, após o povoado sofrer um novo ataque, Antônio Conselheiro é encontrado morto, até então não se sabia a causa da sua morte (Figura 8). Tendo em vista o cerco feito pelos militares, os fiéis começaram a se render no dia 02 de outubro de 1897 (Figura 9). Outro fato contado pelo filme, é que alguns fiéis preferiram morrer queimados juntos com suas casas do que se entregar às tropas republicanas. Os soldados contentes com as vitórias ganham mais ânimos para continuar o ataque, e dessa vez utilizam de dinamites para, além de destruir, incendiar a cidade, levando-a às ruínas (Figura 10).

Figura 7. O Coronel ordenando o novo ataque à Canudos, foi a partir desse combate que a cidade começa perder a guerra contra os militares



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 8. O momento exato em que a igreja símbolo do povoado de Canudo é destruída pelo ataque dos militares.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 9. Momento da cena em que Antônio Conselheiro é morto pelos soldados inimigos.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s>
Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 10. Os seguidores de Antônio conselheiro se rendendo logo após a sua morte e ao cerco dos militares ao povoado.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s> Acessado: 07 de junho de 2021.

Figura 11. A cidade de Canudos foi destruída pelo fogo causado pelos ataques a dinamites pelos soldados da república.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E&t=2540s> Acessado: 07 de junho de 2021.

A narrativa desse filme é de uma complexidade enorme, tendo em vista que ele aborda os diversos contextos históricos ocorridos na Primeira República. A Guerra de Canudos, então, teve um marco muito forte, pois foi um movimento religioso que possuía uma diversidade muito grande de etnias e culturas. Segundo a interpretação de Euclides da Cunha (CUNHA, 1914), então devido a vasta quantidade de pessoas, cerca de 20 a 30 mil, certamente existiam culturas e costumes diferentes causando um choque de etnias entre os fiéis. Nesse sentido, a cena final ajuda o docente a trabalhar em sala de aula com a habilidade **EF09HI07**, que visa fazer com que os alunos saibam identificar na história a participação de ex-escravos no período pós-abolição e na Primeira República. Em suma, nota-se que essa reprodução cinematográfica, vem para afirmar que o cinema pode ser utilizado como uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem.

4.3 Breve análise sobre o filme “O menino do pijama listrado”

Através da análise fílmica, embasada no objeto de conhecimento sobre o Nazismo nos livros didáticos de história, visa-se observar tanto o desenvolvimento narrativo do filme *O menino do pijama listrado*, bem como os assuntos sobre o período nazista na Alemanha, em paralelo com o conteúdo sobre o nazismo nos livros didáticos de história do 9º ano do ensino fundamental. Pois, devido a construção e a temática do filme, observa-se que é possível utilizar a reprodução cinematográfica, anteriormente mencionada, em sala de aula como instrumento

de transmissão de conhecimento, uma vez que o cinema se constitui como uma poderosa ferramenta de ensino.

No entanto, antes de aprofundar esta análise, faz-se necessários especificar e delimitar que o modo como o filme e o livro didático de história traz o conteúdo sobre o nazismo, ainda é de certo modo amenizado, pois sabe-se, através de estudos feitos pelos historiadores, que a realidade sobre as atrocidades cometidas naquela época eram muito piores do que são retratados nos filmes e nos livros didáticos, bem como apresentar um breve resumo sobre a reprodução fílmica, para que tenham entendimento sobre os detalhes do filme. Assim, os próximos capítulos deste trabalho serão divididos em três subitens, também intitulados como cena, que visam apresentar os principais temas que serão debatidos ao longo de todo o texto.

Resumo: Contada através do autor John Boyne, o filme *O menino do pijama listrado* narra a história a partir do olhar ingênuo e puro de crianças que viveram no período do nazismo na Alemanha. A história é protagonizada por duas crianças, Bruno, um menino filho de pai nazista, e Shmuel um menino judeu preso no campo de concentração, ambos possuem a mesma idade: oito anos.

A família de Bruno vivia em Berlim, porém seu pai foi transferido, onde todos foram obrigados a irem rumo ao campo. A família do garoto era composta por quatro integrantes: Ralf (o pai), Elsa (a mãe), Gretel (a filha mais velha) e Bruno (o filho caçula).

No seu novo lar, Bruno se depara com uma casa menor que a anterior, porém não fica muito animado, pois o imóvel estava situado em um lugar rural, distante da cidade e sem vizinhança, além do fato do garoto não ter mais amigos para brincar. Com isso, o Bruno sai explorando o local e se depara com uma fazenda que fica ao lado de sua casa. Pela janela de seu quarto, Bruno avista pessoas incluindo crianças vestidas com pijamas listrados e fica entusiasmado com a possibilidade de fazer amigos. Porém, as atrocidades nazistas que compõem o enredo do filme, faz com que o cenário de amizade seja diferente do que Bruno imaginava.

4.3.1 CENA 1 - A doutrina nazista

No livro *Escola, História e Democracia*, os autores descrevem que

Todas as instituições políticas, econômicas e culturais foram paulatinamente submetidas à vontade do Partido Nazista. Não podia haver separação entre a vida privada e a política; a ideologia devia estar presente em todos os momentos da vida cotidiana; todas as organizações deviam ficar sob o controle do partido. Instaurava-se

o totalitarismo, ou seja, um sistema político no qual o Estado interferia em todos os aspectos da vida do cidadão e cujos direitos estariam submetidos totalmente aos interesses do poder constituído (CAMPOS et al. 2018).

Ao longo dos primeiros minutos do filme, o espectador acompanha o protagonista Bruno que, ao sair da escola juntamente com seus amigos (Figura 1), e ao parar em frente a sua residência, percebe uma movimentação atípica. Ao adentrar a casa, vê os móveis sendo removidos da sala de entrada e alguns empregados organizando o local, ele questiona aos seus pais o que está acontecendo, e momentos depois é informado que todos irão mudar de residência devido a promoção que seu pai havia recebido. Nesse contexto, a ideia da promoção de Ralf, empregada no filme, possibilita ao docente adentrar as explicações sobre a doutrina nazista que buscava total fortalecimento do Estado, pois mostra que os cidadãos alemães deveriam ser submetidos aqueles que estavam no poder, como descreve Gilberto Cotrim: “O indivíduo deveria submeter-se totalmente à autoridade soberana do Estado, personificado na figura do Führer (chefe)” (COTRIM, 2005, p. 439).

O garoto não recebe a ideia com animação, pois iria perder o contato que tinha com seus amigos. No entanto, Ralf, seu pai, explica que é preciso que todos se mudem, pois ele havia sido convocado para servir ao país que estava sob o domínio dos nazistas.

Figura 1. Bruno ao lado direito, de colete marrom, ao sair da escola indo em direção a sua casa, brincando de “avião”.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Apesar de Bruno, sua irmã e Elsa, sua mãe, não terem gostado da ideia, são obrigados a se mudarem, pois o regime imposto naquela época os obrigava a abdicarem das suas vidas próprias em prol da soberania do país.

Bruno: Mas para onde vamos?

Ralf: Para uma região campestre.

Bruno: Isso é longe demais. E meus amigos Kal e Lion, e Martin?

Elsa: Meu amor, eu sei que é difícil, mas todos nós temos que nos despedir dos amigos por um certo tempo.

Gretel: E nós iremos fazer novos amigos lá, não é?

Elsa: É claro que sim, vão fazer muitos novos amigos. Bruno... pode reunir os amigos pela manhã antes de partirmos

Ralf: Pense nisso como uma aventura, como em um dos seus livros.

Bruno: Mas essa casa é a melhor de todas.

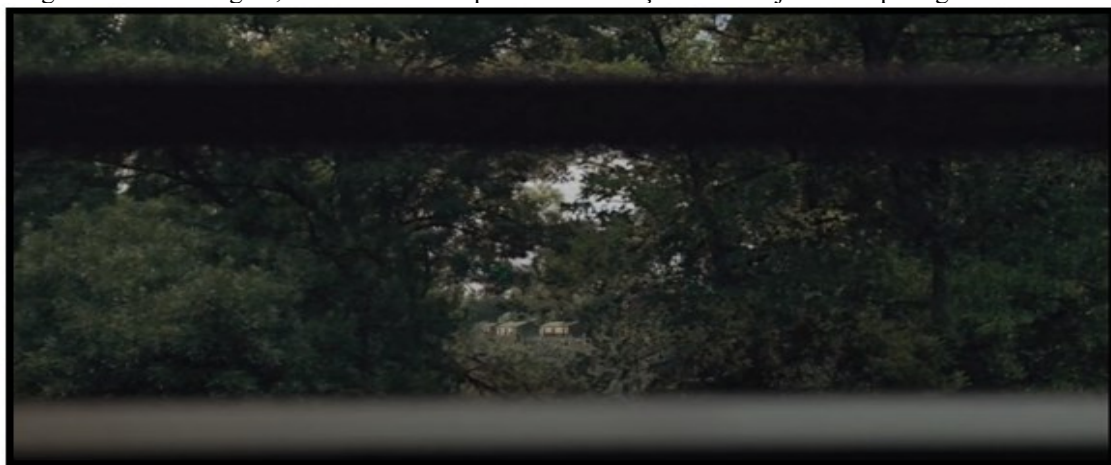
...

Ralf: Olha... Veja bem Bruno, a questão sobre ser soldado é que a vida não é tão calcada em escolhas é mais um dever, portanto se o país precisa de você em um lugar você vai, mas claro ir para um outro lugar é bem mais fácil quando sabemos que a nossa família também fica contente de ir conosco. (3:35)

A narração reforça a ideia de como eram impostos o regime totalitário e a doutrina nazista aos cidadãos daquela época, demonstrando de forma visível que nenhum cidadão tinha o poder de liberdade e escolha assegurado, todos eram obrigados a servirem ao regime de qualquer forma. A partir dessa cena, torna-se mais fácil a compreensão do conceito de totalitarismo para os discentes, tendo em vista que eles terão uma representação evidente durante toda a cena.

De todo modo, a ida inesperada da família para a área rural, na qual Bruno acreditava ser uma fazenda, contradiz a fala do Ralf, seu pai, momentos anteriores, onde ele iludia a família dizendo que o local era uma simples área rural. No entanto, a família chega na nova casa e se depara com um casarão distante de qualquer resquício de civilização, o que havia nos arredores era somente floresta e uma área cercada com galpões e a presença de algumas pessoas vestindo pijamas listrados (Figura 2).

Figura 2. Nesta imagem, observa-se o campo de concentração visto da janela do protagonista Bruno.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Após a acomodação da família, Bruno se sente ainda mais descontente, pois percebe ter sido enganado pelos pais, não havia ninguém na localidade com quem ele pudesse fazer amizade, a não ser com as pessoas que viviam na área cercada com galpões. Com isso, o garoto revela:

Bruno: quero ir para casa.

Ralf: Está em casa Bruno. A casa é onde a família está. Não é assim? Bruno, você tem que dar ao menos uma chance ao lugar, eu garanto que você vai se adaptar logo.

Bruno: Porque os fazendeiros andam de pijamas? Eu os vejo da minha janela.

Ralf: Veja Bruno, aquelas pessoas não são como pessoas normais, entendeu?!(16:32)

A partir deste momento, o protagonista insiste com a indignação de ter se mudado para aquele local, no entanto, se sente mais confortável ao perceber que há possibilidade de fazer amizades novas no lugar onde ele havia visto pela janela do seu quarto.

A fala de Ralf enfatiza a ideia que era pregada durante o período nazista, a superioridade da raça ariana, como é contado nos livros de história, a exemplo do que diz o historiador Gilberto Cotrim: “povo Alemão descendia de uma “raça superior” (os arianos) e, por isso, tinham o direito de dominar as “raças inferiores” (judeus, eslavos etc.)” em seu livro História Global - Brasil e Geral, (COTRIM, 2005, p. 439)

Por fim, a cena 1 tem a capacidade de desenvolver a habilidade **EF09HI13** da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde essa habilidade propõe que seja desenvolvido junto ao aluno a capacidade de descrever e contextualizar a consolidação do totalitarismo e as práticas de extermínio na Alemanha de Adolf Hitler.

4.3.2 CENA 2 - O sistema educacional, racismo e o antissemitismo.

Após um tempo convivendo naquela região distante da cidade, Elsa, preocupada com a educação dos seus filhos, pergunta a seu marido Ralf onde eles irão estudar. Ralf responde que contratou um tutor que irá ajudar as crianças na educação. Nesse momento, percebe-se um fato escrito pela história que a educação naquele período ficava velada a tutores responsáveis por transmitir somente os conteúdos do nazismo, para que, desse modo, o governo conseguisse cada vez mais um número maior de jovens aliados e preocupados somente com o idealismo do racional nazista: a “superioridade nazista” e o ódio contra os judeus, negros, ciganos etc. Segundo Gilberto Cotrim:

Todo sistema educacional deve ter como objetivo dar às crianças de nosso povo a certeza que são absolutamente superiores aos outros povos. Embora tivesse semelhanças com o fascismo Italiano, o sistema educacional nazista foi mais

intensamente marcado pelo militarismo, pelo racismo e pelo antissemitismo. O governo passou a controlar mais duramente o setor educacional, obrigando os professores a aprender e a ensinar os princípios nazistas (destacando-se a crença na “superioridade da raça ariana”), a escreverem-se na Liga Nazista dos Docentes e a prestar juramento de fidelidade ao Führer. Além das escolas, a doutrina nazista era difundida por meio de diversas associações educativas, como a juventude hitlerista, que organizava entre as jovens alemãs diversas competições esportivas, reuniões políticas, e exercícios de preparação para a guerra (COTRIM, 2005, p. 439-440).

Ao receber o professor em casa, Bruno e Gretel começam a ter aulas, principalmente da história nazista (Figura 3), onde os ensinamentos povoam o imaginário dos dois. Bruno sempre demonstra ir em desacordo ao que o docente transmitira sobre os conceitos nazista, como observado em sua fala:

Gretel: Os judeus nos massacraram e incitaram nossos inimigos, corrompeu-nos livros ruins. Escarneceu da nossa literatura e da nossa música, por todo lugar foi destrutiva cujo resultado final foi a ruína da nossa nação e depois...

Bruno ergue a mão para fazer uma pergunta.

Professor: Sim, Bruno?

Bruno: Não estou entendendo. A ruína de uma nação foi culpa de um só homem?

Professor: O judeu aqui significa raça judia inteira. Se fosse apenas um só homem, sem dúvidas alguma coisa teria sido feita.

Bruno: Mas existem judeus que são bonzinhos, não é?

Professor: Eu acho Bruno que se você encontrar um único judeu bonzinho você será o melhor explorador do mundo. Continue Gretel. (44:08)

No entanto, sua irmã absorve todas os ensinamentos e muda abruptamente seus pensamentos e seu jeito de ser, se desfaz de todas as suas bonecas e põe diversos pôsteres (Cartaz impresso, vendido ao público, geralmente representando retratos de personalidades, artistas etc.) de soldados nazistas, bem como muda seu visual para parecer uma das garotas propaganda do nazismo (Figura 4).

Figura 3. Na imagem, Bruno, Gretel e seu professor sobre a mesa estudando.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Bruno: Gretel, achei todas as suas...
 Gretel: As minhas o que?
 Bruno: Suas bonecas. Estão lá no porão.
 Gretel: Bonecas. São para menininhas. Não é certo ficar brincando com brinquedos bobos, enquanto há pessoas arriscando a vida pela pátria. (36:56)

Figura 4. Gretel, após as aulas do professor, muda seus pensamentos e maneira de agir, se desfaz das suas bonecas e prega pôster de soldados nazistas.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Isso corrobora com a tese de Brandt que em seus estudos conclui: “Pode-se concluir que a educação nazista cumpriu o papel que lhe fora atribuída, se encarregando de impregnar as mentalidades infantis e juvenis, transformando as crianças e os jovens alemães em “bons nazistas”” (BRANDT, 2013).

Foi através da educação também que Hitler e o partido nazista disseminavam as ideias antissemitistas e racistas, onde na primeira declarava ódio aos judeus julgando serem de uma “raça inferior” e por isso deveria ser perseguida e destruída. O racismo defendido naquela época pregava a suposta “superioridade ariana” sobre os outros povos, instalando políticas de perseguição aos negros, eslavos, judeus e ciganos.

Ademais, todas essas mudanças na estrutura educacional do país, enquanto estava sob dominação nazista, tinha também como um dos seus principais objetivos o crescimento do eleitorado nazista, pois quanto mais cidadãos adeptos aos ideais nazistas, desde a fase escolar, mais fácil seria aumentar o número daqueles que apoiariam a política nazista.

Nesse sentido, pode-se observar diversas questões envolvidas nessa cena que trabalha em conformidade com a habilidade **EF09HI13**. A primeira e mais relevante está relacionada à

educação e como ela é importante para a mudança na estrutura social de qualquer cidadão. Essa ideia permanece durante todo o desenvolver da cena, ficando ainda mais acentuado quando Gretel muda seu comportamento. Essa então se consolida como uma das práticas de disseminação do ódio para o extermínio.

4.3.3 CENA 3 - Cinema de Propaganda.

Durante uma das cenas, Bruno está em frente de casa brincando no balanço, que ele mesmo havia construído, quando percebe vários carros se aproximarem. Nesses veículos haviam outros soldados que foram se reunir com seu pai. Em reunião a portas fechadas, Bruno se pendura em um móvel para observar pelo pequeno espaço de vidro da porta o que os soldados estavam fazendo (figura 5). O garoto consegue observar que na sala estava sendo reproduzido uma propaganda sobre o campo de concentração, ao qual intitularam como “campo de trabalhadores para judeus”, pois a reprodução audiovisual transmitia a ideia de que o local era um espaço de trabalho, lazer, felicidade e prosperidade (Figura 6, 7).

Figura 5. Bruno observando pelo vidro da porta a reunião do seu pai com outros soldados.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Figura 6. Ralf e seus companheiros soldados nazistas assistem a uma reprodução cinematográfica.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Figura 7. Os soldados nazistas assistindo a propaganda “Campo de Trabalho para Judeus”, utilizada para ludibriar os cidadãos judeus, nota-se pessoas felizes e conversando enquanto comem.



Fonte: Youtube Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Rz5ELTxG48> Acessado: 14 de junho de 2021.

Isso denota que uma das ferramentas mais eficazes que a doutrina nazista fez uso foi a propaganda, tendo em vista que todos os recursos daqueles vídeos foram manipulados na intenção de ludibriar os cidadãos judeus. A abordagem feita por Cotrim em seu livro didático é:

Ao tornar-se chanceler, Hitler empenhou-se em consolidar o poder alcançado pelo partido nazista, utilizando para isso a violência e a propaganda enganosa junto à população.

A propaganda nazista era conduzida por Joseph Goebbels, titular do ministério da educação do povo e da propaganda que exercia severo controle sobre as instituições educacionais e sobre os meios de comunicação. Utilizando métodos desonestos e

sensacionalistas para divulgar a doutrina nazista, Goebbels tinha o seguinte lema: “Uma mentira dita cem vezes tora-se verdade” (COTRIM, 2005, p. 440)

Nesse contexto, percebe-se como a propaganda contradizia do que estava se mostrando, usando a favor imagens mentirosas para alcançar os judeus sem que houvesse muita resistência. Com auxílio desse recurso, os soldados nazistas conseguiram levar até os campos de concentração vários judeus que viveram presos, tendo que trabalhar como escravos, tanto no campo de concentração, como servindo nas casas dos soldados, até o dia da sua morte.

Assim, esse cenário traz uma visão ampla do modo como os nazistas conseguiram convencer os judeus a irem aos campos de concentração, por vezes, sem muita resistência, pois além das propagandas eles eram rodeados de visões ilusórias transmitidas por outros meios de comunicação sobre os campos. Nota-se, portanto, que a cena dá abertura de diálogos e debates entre professor e alunos a respeito sobre o rígido controle de Hitler com os setores da sociedade Alemã.

Em um momento do filme, Bruno vai visitar seu amigo judeu Shmuel. Ao chegar lá, procura pelo garoto, porém não o encontra. No dia seguinte, Bruno volta novamente ao cercado na esperança de ver Shmuel, onde momentos após a sua chegada, Shmuel aparece com hematomas e ferimentos em seu rosto. O protagonista fica assustado e com sentimento de culpa, pois sabia que aqueles ferimentos haviam sido feitos pelos soldados que seu pai conduzia. Nesse momento, Bruno argumenta:

Bruno: Eu não compreendo. Eu assisti um filme sobre o campo e ele parecia tão agradável, Shmuel.

Shmuel: [...] (de cabeça baixa não responde, apenas balança a cabeça com ato de negação). (1:05:38)

Ao retratar questões polêmicas do período nazista, a cena remonta o poder de influência que o cinema pode ter na vida dos cidadãos. Assim, vale ressaltar que Hitler, além de ter feito uso da propaganda, dominou toda a imprensa, meios de comunicação e artísticos, tendo em vista que ele sabia do poderio que esses setores tem em formar pensamentos dentro da sociedade.

Nesse contexto, a cena 3 intitulada como “Cinema de Propaganda” é capaz de desenvolver nos alunos a valorização e a utilização dos conhecimentos históricos construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade, bem como exercita a curiosidade intelectual, para que seja incluso a investigação, a imaginação, a criatividade, a reflexão e a análise crítica dos fatos transmitidos (BRASIL, 2021). Dessa forma, tudo isso

desenvolverá as competências gerais e específicas **CG1, CG9, CG10, CCH1, CCH2, CCH6, CEH1 e CEH3** da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em suma, ao retratar questões polêmicas na sociedade alemã durante o período nazista, as cenas remontam todo um contexto histórico que, por vezes, pode ser mal interpretada a partir do conteúdo dos livros didáticos. Nesse sentido, o filme melhor auxilia aos alunos no entendimento dos conteúdos através dos fatos narrados e apresentados no decorrer da reprodução. No entanto, o docente deve elaborar a aula, expondo os objetivos, os temas para discussão, os critérios metodológicos e avaliativos a partir das reproduções cinematográficas escolhidas por ele, a exemplo desta em análise. Pois, uma aula bem planejada, com o uso do cinema, tem todos os meios para apresentar bons resultados, tanto do ponto de vista didático quanto da aprendizagem. Além disso, o professor deve pensar se é preciso reproduzir todo o filme ou somente parte dele, onde o elenco dialoga bem com o assunto trabalhado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do cinema nas aulas de História as torna mais dinâmicas, menos cansativas, pois alguns discentes têm uma visão tediosa do componente curricular História, em que o cinema ajuda a quebrar essa visão, fazendo com que os discentes se interessem pelo conteúdo. Dessa forma, o cinema deve e pode ser utilizado nas aulas como uma ferramenta didático-pedagógica, possibilitando a ter aulas menos cansativas tanto para alunos como para os professores.

Vale salientar que a utilização de produções cinematográficas possibilita a aprendizagem de várias habilidades do educando, tornando o discente mais interessado, fornecendo um ambiente agradável, bem como saindo da aula tradicional, onde o docente faz uso somente do livro didático. Ademais, a maioria dos alunos acham que as aulas de História são desestimulantes, pelo excesso de leituras desconexas da realidade. Assim, o cinema proporciona uma aproximação dos fatos históricos do passado com a realidade, saindo da monotonia que algumas vezes é a aula de História.

Outro ponto relevante é que alguns profissionais da educação trabalham com o recurso do cinema de maneira destoante do que a BNCC preconiza, pois alguns desses profissionais da educação acabam por passar filmes sem fazer relação com o conteúdo da aula, deixando o aluno ainda mais confuso, sem sequer fazer uma problematização em relação ao filme com o assunto. Sendo assim, é necessário que o docente faça uma análise do filme, pois na maioria das vezes não precisa passá-lo na íntegra e sim escolher as principais cenas que dialoguem com o conteúdo. O professor deve saber diferenciar o que é proveitoso e considerar a necessidade de fazer um trabalho de contextualização a cada cena escolhida, ajudando assim no crescimento e aprimoramento das aulas.

Ademais, com a utilização do cinema os discentes poderão ser observados e avaliados em duas etapas: a primeira consiste na observação das atitudes comportamentais e comprometimento com o aprendizado, durante a execução do filme. Na segunda etapa, a avaliação poderá ser feita após as reproduções, sendo pedido ao aluno que seja construída uma resenha crítica fundamentada nas cenas assistidas e no conteúdo do livro didático ou na elaboração do mapa conceitual também fundamentado. Contando também com a participação, realização das atividades orais, escritas e práticas em sala de aula. O professor deverá planejar

as atividades de acordo com sua proposta de ensino e prática pedagógica, fazendo a assimilação do filme com o conteúdo.

Além disso, ao explorar qualquer produção cinematográfica, o educador pode voltar à atenção do aluno para o fato de que o filme é um produto realizado por meio de uma experiência cultural de uma época, com valores, códigos e conceitos específicos. O professor não deve simplesmente ficar preso ao conteúdo da obra cinematográfica, mas também levar em consideração os elementos que fazem parte do filme, como a montagem, a fotografia, a trilha sonora e os tipos de linguagens, fazendo sempre uma relação com o conteúdo trabalhado em sala e problematizando. Assim, o educando, ao assistir ao filme, vai conseguir entender a “mensagem” que a obra fílmica quis passar de acordo com o assunto trabalhado em aula.

De acordo com a breve análise feita sobre o filme *Guerra de Canudos*, constata-se a possível utilização desta obra cinematográfica como recurso de transmissão de conhecimento e facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Tendo em vista que o filme apresenta de forma evidente todos os pontos principais do contexto histórico que é descrito nos livros didáticos de História do 9º ano. Além disso, os componentes que compõem o filme, tais como a caracterização do elenco, a trilha sonora e o campo cenográfico auxiliam no processo de imaginação e entendimento dos fatos históricos contados a partir dos livros. Além do mais, o filme consegue trabalhar com algumas competências e habilidades da BNCC.

Ainda mais, a breve análise feita do filme *O menino do pijama listrado*, onde por meio da análise do desenvolvimento narrativo de Bruno, ao longo das 3 cenas escolhidas, foi possível observar o modo como o filme perpassou e apresentou problemáticas sobre o nazismo de modo distinto em todas as cenas, as quais é possível trabalhar com a reprodução fílmica como ferramenta didática para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as cenas remontam de forma fundamentada o contexto nazista vivido entre 1933 a 1945. Para tanto, além do embasamento teórico nazista, fundamentou-se também nas questões cinematográficas tais como o enredo, as músicas e as questões de cenário onde vincula-se a história do filme e norteia o aluno no processo de idealização dos fatos. Além de ter trabalhado algumas competências e habilidades da BNCC.

Portanto, diante de todos os debates e estudos feitos neste trabalho monográfico verificou-se que o cinema se torna de grande importância para o processo de aprendizagem do aluno, pois possibilita ser feita uma melhor assimilação do conteúdo, uma vez que exercita a curiosidade intelectual, a imaginação, criatividade, reflexão e a análise crítica dos fatos a partir dos conteúdos apresentados. Além de estarem inclusas no uso das novas tecnologias usadas em

sala de aula, auxilia o professor no diálogo do conteúdo de forma mais didática, retira o docente como único ser de voz ativa na sala de aula dando voz aos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e Educação**: fundamentos e perspectivas. FAPESP. Educação em Revista, 2017.
- ARAÚJO, Inácio. **Cinema**: O mundo em movimento. São Paulo: Scipicione, 1995.
- AUMONT, Jacques: **A Estética do filme**, Papirus Editora, p. 38, 1995.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BERNARDET, Jean-Claude: **O que é cinema**, ed. Brasiliense, p. 37, 1980.
- BRANDT, Cleri Aparecida. **A educação na Alemanha nazista e seu papel na modulação de ideias e comportamentos**. Historia de la Educación. Anuario, v. 14, n. 2, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2021.
- BRIGHENTI, Josiane; BIAVATTI, Vania Tanira; DE SOUZA, Taciana Rodrigues. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 8, n. 3, p. 281-304, 2015.
- CAMPOS, F. de; CLARO R; DOLHNIKOFF M. **História – Escola e democracia – 9º ano**. 1º ed. Editora Moderna. São Paulo, 2018.
- CAPARRÓS-LERA, Josep María; ROSA, Cristina Souza. O cinema na escola: uma metodologia para o ensino de história. **Educ. foco, Juiz de Fora**, v. 18, n. 2, 2013, p. 189-210.
- CARMO, L. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 32, MaioAgosto, 2003.
- CIPOLINI, Arlete; MORAES, Amaury Cesar. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto—um estudo sobre a utilização do cinema na educação. **Educação (UFSM)**, v. 34, n. 2, p. 265-278, 2009.
- COTRIM, Gilberto. **História Geral**: Brasil e Geral. v. único. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar, 9º ano**: ensino fundamental, anos finais. 3. ed. São Paulo. Saraiva, 2018.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro, Editora Paulo Azevedo, 1914.

DENZI, N. K.; LINCOLN, Y. Introduction – The discipline and practice of qualitative research. In Denzin NK and Lincoln Y(eds) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3 ed. London: Sage Publications; 2005.

DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

FABRIS, Elí Henn. **Cinema e Educação**: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; JÚNIOR, Plínio Dias da Silva. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. Temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1986.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Cinema, história pública e educação**: circularidade do conhecimento histórico em Xica da Silva (1976) e Chico Rei (1985) / Rodrigo de Almeida Ferreira. - Belo Horizonte, 2007.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992.

FONSECA, Mirna Juliana Santos. Cinema na escola pra quê?. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 31, p. 32-55, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRESQUET, Adriana Mabel; PAES, Bruno Teixeira. A ESCOLA E O CINEMA: Algumas reflexões e apreensões frente à Lei 13.006/14. **Revista Teias**, v. 17, n. 44, p. 163-172, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Pesquisa social: métodos e técnicas. **São Paulo: Atlas**, v. 5, 1999.

GUERRA DE CANUDOS. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Mariza Leão e José Wilker. Direção de fotografia: Antônio Luís Soares. Música: Edu Lobo. Roteiro: Sérgio Rezende e Paulo Halm. Brasil - 1997 - Épico - Colorido - 165 minutos.

GUIMARÃES, Selva. Cinema e ensino de História. **Revista do arquivo público mineiro**, v. 45, 2009.

KLAMMER, Celso Rogério et al. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. **simpósio nacional de história cultural**, v. 3, p. 872-882, 2006.

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA, p. 99-131, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, D. R. Cinema e História: o filme como recurso didático no ensino/aprendizagem da história. **Revista historiador**. nº 7. Ano 7. 2015.

MEIRELES, Elvis Presley. **METODOLOGIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: A UTILIZAÇÃO DO FILME COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO E MOTIVACIONAL**. **Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA**, 2019.

MOGADOURO, Claudia de Almeida. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MORETTIN, Eduardo. **Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores**. Caderno de cinema do professor, p. 46, 2009.

MOURA, Roberto. A construção de uma história do cinema brasileiro: política estatal e cinema alternativo nos anos Embrafilme. **Revista Contracampo**, n. 08, 2003.

NASCIMENTO, Vera Lúcia do. Cinema e Ensino de História: em busca de um final feliz. **Revista Urutágua**, n. 16, p. 11-19, 2008.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. **O olho da História**, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1995.

O menino do Pijama Listrado. Direção: Mark Herman. Autor: John Boyne. Roteiro: Mark Herman, John Boyne. Elenco: Asa Butterfield, Vera Farmiga, David Thewlis. Reino Unido – 2008 – Épico – Colorido – 94 minutos.

PEREIRA, Lara Rodrigues. **Ensino de História e narrativas cinematográficas subsidiando consciências históricas**. UDESC, 2012.

PIAGET, Jean. **O Homem e as Suas Idéias**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos Filmes, os Filmes na História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2010.

SCHVARZMAN, Sheila. História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 10, n. 17, 2016.

SIMIS, Anita. **Estado e cinema no Brasil**. Annablume, 2008.

SOUSA, Éder Cristiano de. O uso do cinema no ensino de História: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da Educação Histórica. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 4, 2012.

VIANA, Marger da Conceição Ventura; ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. **O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural**. 2014.



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS.

Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas.

Eu, *Ketllyn Santos de Moraes*, declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé) referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulada: *CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA*, a ser entregue por *Jorge Souza Amâncio*, acadêmico (a) do curso de História.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua estrangeira.

Paripiranga, 08 de julho de 2021.

Assinatura do revisor



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, *Danilo de Melo Mercado*, declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA, a ser entregue por *Jorge Souza Amâncio*, acadêmico (a) do curso de História.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 07 de julho de 2021.

Assinatura do revisor